



O Senado Federal aprovou o Projeto de Lei do Programa de Cultura do Trabalhador que cria o vale-cultura, mas com algumas alterações no texto original. O cartão com o benefício de R\$ 50 será oferecido aos assalariados, que podem optar pela assistência, assim como ocorre com o vale-transporte e o vale-alimentação. No entanto, ainda não estão claros como ele será colocado em prática, os prazos de implantação e o seu real efeito sobre o mercado. Por isso, o Jornal da Universidade ouviu pesquisadores da área, profissionais que atuam no setor cultural e também o público-alvo dessa medida: possíveis beneficiários do valor apontado no contracheque.

Página Central

Cultura a 50 reais

CIÊNCIA

Projeto procura paleotocas

Túneis cavados por animais extintos que viviam em abrigos subterrâneos são o novo objeto de estudo do professor Heinrich Frank, do Departamento de Mineralogia e Petrologia do Instituto de Geociências da UFRGS. Há cerca de um ano, o docente ficou "viciado em olhar barrancos". Somente em coxilhas escavadas é que podem ser visualizadas as paleotocas, esses túneis subterrâneos. Por isso, o professor Frank apela para que todos os que reconheçam uma forma circular nesses barrancos escavados, com tom de terra mais escuro do que o resto, entrem em contato com ele para averiguar se realmente é uma toca de possíveis tatus-gigantes. A pesquisa é pioneira, dado o ineditismo do tema, e poucas são as certezas. É preciso um número muito grande de ocorrências de paleotocas, para, depois de todas as análises, fazer inferências. O ideal seria encontrar o fóssil de um esqueleto articulado de um animal potencialmente escavador dentro de uma paleotoca, mas a região metropolitana é formada por rochas que não favorecem à fossilização.

P11



ENSINO

Espanhol agora é obrigatório

A partir de agosto de 2010, todas as escolas de ensino médio do Brasil devem oferecer, sem exceção, o ensino de espanhol, sendo facultativo aos alunos matricularem-se ou não na disciplina. A diretriz consta na Lei n.º 11.161, de cinco de agosto de 2005, chamada Lei do Espanhol, que estabeleceu cinco anos para a sua implantação em todo o território nacional. Segundo a norma, a inclusão da língua espanhola nos currículos plenos do ensino fundamental de 5.ª a 8.ª séries é opcional. O Rio Grande do Sul está entre os nove estados brasileiros que já normalizaram a lei, mas a carência de professores ainda é um problema comum.

P7

LIVROS

O mouse que garimpa

Os sebos existem há séculos, mas, depois que a Internet foi introduzida no comércio de livros, muita coisa mudou. Já são várias as livrarias de usados que realizam vendas on-line, seja por meio de seus próprios sites ou em parceria com portais virtuais. Dessa forma, o cliente pode pesquisar em detalhes os acervos de diferentes lojas para avaliar a melhor opção de compra. Porém, ao contrário do que se poderia pensar, os sebos físicos ainda não correm risco de extinção. Longe disso: nunca houve tantos deles espalhados pelo Brasil quanto agora.

P13



URUGUAI

Pepe Mujica assume a presidência

Integração ao Mercosul, políticas sociais e estabilidade econômica são as diretrizes governamentais do novo presidente uruguaio Pepe Mujica, que promete seguir a linha do antecessor Tabaré Vazquez. Personalidade emblemática, ele garante pela segunda vez a presença da Frente Ampla no comando de um dos países mais politizados da América Latina. O professor de História da UFRGS Enrique Padrós diz que essa vitória é cheia de simbolismos e atesta o grau de consolidação da democracia uruguaia. André Reis da Silva, docente de Relações Internacionais, vê a Frente Ampla como uma esquerda democrática e não revolucionária.

P10

HISTÓRIA

Coleção revela aspectos da repressão e da resistência à ditadura no Rio Grande do Sul

Página 5

UNIMÚSICA

Série Percussionistas ganha o palco do Salão de Atos da UFRGS

Página 12



Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto
Reitor

Tempo de renovação

Renovação é uma das características da instituição universitária. Tanto o alargamento das fronteiras do conhecimento e a geração do novo nos espaços de pesquisa, quanto o ingresso de novas pessoas marcam a pulsação de uma comunidade universitária. A cada ano, a alegria explode no olhar e no sorriso dos aprovados no Concurso Vestibular. Nas cerimônias de colação de grau, a felicidade e a gratidão expressas pelos formandos alimentam a convicção de que devemos prosseguir na luta por uma universidade cada vez mais qualificada e inclusiva. São dois momentos rituais que materializam a busca da sociedade por conhecimento e formação, por uma oportunidade de futuro e de realização pessoal. Expressam a missão universitária de democratizar o acesso ao conhecimento e de construir cidadania.

Na UFRGS o ano letivo de 2010 se inicia

sob a égide da renovação com significativa ampliação do ingresso. A Universidade conta com mais 200 vagas em novos cursos e outras 205 em cursos já existentes, muitas no turno da noite proporcionando uma maior inclusão, pois mais de 20% de todas as vagas ocupadas pelos quase cinco mil calouros são em cursos de oferecimento noturno.

Em paralelo à expansão do ensino de graduação, os quadros da Universidade também vêm experimentando inédita renovação. Nos últimos 12 meses, foram contratados 279 servidores técnico-administrativos e 144 docentes, totalizando as vagas dos Programas Reuni e Universidade Aberta do Brasil, bem como de professor-equivalente. Praticamente todos os Departamentos, de todas as Unidades Acadêmicas, iniciam este ano com uma configuração diferente daquela do ano anterior.

Ainda no mês de março será iniciada a construção da primeira obra da renovação física deste período de expansão da Universidade: o prédio de Salas de Aula do Câmpus Central. Estaremos inaugurando o projetado crescimento de 30% da área construída, considerando os quatro câmpus, resultado da pujança e da capacidade da comunidade acadêmica em conquistar recursos públicos para o apoio ao ensino e à pesquisa.

É muito bom iniciar o ano letivo num contexto tão positivo. A Universidade cresce, amplia as possibilidades de ingresso, se renova em todos os segmentos da comunidade universitária e dá início à expansão física.

A UFRGS segue crescendo para melhor cumprir sua missão institucional e atender às demandas da sociedade. Bem-vindos ao semestre 2010/1!

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 91046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

Conselho Editorial
Cassiano Kuchembeckor Roseng, Cesar Zen Vasconcelos, Dalro José Nunes, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello, Maria Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Luce Kruse, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissera

Editora-chefe
Ania Chala
Repórteres
Caroline da Silva e Jacira Cabral da Silveira
Projeto gráfico
Juliano Bruni Pereira e Aluisio Pinheiro
Diagramação
Aluisio Pinheiro
Fotografia
Cadinho Andrade e Flávio Dutra
Revisão
Antônio Falcetta
Bolsistas
Ariel Fagundes, Demétrio Pereira, Diego Mandarino e Maria Elisa Lisboa
Circulação
Márcia Fumagalli
Fotolitos e Impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem 12 mil exemplares

Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

Sala Qorpo Santo na U.T.I.

Coisas muito boas e muito ruins têm acontecido na Sala Qorpo Santo, no Câmpus Central da UFRGS. Estudantes de Teatro apresentam seus trabalhos de graduação, e o Projeto Teatro, Pesquisa e Extensão (TPE) segue com sessões todas as quartas. O público é composto por alunos de outros cursos, pela comunidade em geral e até por escolas. A Sala oferece a oportunidade de ver um pouco do resultado da graduação de teatro, pois os trabalhos não são monografias que ficam engavetadas, e sim apresentações de peças, que muitas vezes seguem adiante nas salas de teatro da cidade. Porém, sérios problemas ainda acontecem... Uma reforma para a Sala foi aprovada no último edital CT-INFRA e, até agora, os recursos não foram liberados. Enquanto isso, as condições estão cada vez piores, chegando a ser insalubre. Um exemplo é a temporada de novembro do TPE, em que o Grupo Barraquatro apresentou o espetáculo "Projeto Picasso: Um Sonho", tendo de se desculpar ao início de cada sessão por problemas técnicos, ou seja, os alunos se desculparam por falhas da Universidade. O trabalho teve sua iluminação reduzida a poucos refletores que falhavam, muitos nem acendiam, além de o som também deixar de funcionar durante o espetáculo. Ao seu lado temos a Sala Redenção, que foi reformada há pouco. De forma alguma queremos dizer que há uma concorrência entre teatro e cinema. A Sala Redenção é uma ótima sala! E queremos que a Qorpo Santo também seja! Afinal, quando a UFRGS vai olhar para esse espaço e dar condições de trabalho aos promissores artistas de sua Universidade?

Grupo Barraquatro, alunos e ex-alunos do Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes

Memória da UFRGS

ACERVO MUSEU DA UFRGS



1963

Aula no atelier de escultura do Instituto de Artes. À esquerda, sentado, o professor Fernando Corona orienta seus estudantes. De pé, Carlos Tenius (e) e Luís Carlos Maciel (d).

Artigo

Tecnologia e carnaval, duas paixões nacionais

Demorou, mas parece que finalmente o limiar entre tradição e modernidade está deixando de ser uma zona conflituosa para se tornar um ambiente propício ao fortalecimento das identidades culturais brasileiras. Porém, isso somente é possível na medida em que são atendidos os anseios econômicos e políticos dessas identidades, e incorporados fatores sociais e locais ao processo de inovação tecnológica.

Na ausência dessa dinâmica, a tecnologia entra em confronto com os valores culturais tradicionais, pois grupos fundamentais ao imaginário de identidade nacional são postos à margem do processo de desenvolvimento econômico. Como resultado, cresce no ethos desses grupos uma ideologia anti-modernizante. O contrário está começando a acontecer em nosso país. A presença do tema "tecnologia" no enredo de uma das mais tradicionais escolas de samba do carnaval carioca representa uma contrapartida da cultura popular a um modelo de política tecnológica democrático e atento aos fatores

localidade e identidade social – modelo esse que vem sendo adotado pelo Estado brasileiro nos últimos anos.

Mais do que a história, a Portela levou para a Marquês de Sapucaí o futuro, ou melhor, o presente do Brasil neste carnaval de 2010. Em vez de retratar a miscigenação brasileira, seu sincretismo religioso, ou mesmo as aventuras além-mar dos colonizadores portugueses, a escola inovou ao apresentar na avenida o presente de um país que desbrava os revoltos, porém promissores, mares das Tecnologias de Informação e Comunicação.

Mares virtuais nunca dantes navegados por grande parte de nossa população, mas cujos ventos sopram para um paraíso tropical repleto de conhecimento e saber, que, por sua vez, esconde, por detrás das conquistas diárias que têm facilitado a vida de milhões de brasileiros, o poder transformador de promover o desenvolvimento e a paz. Um paraíso tropical – e digital – de grandeza somente comparada àquela da maior festa

popular do país, o carnaval carioca. A Portela teve o grande mérito de usar a maior manifestação cultural que o mundo conhece para mostrar a todos que a tecnologia pode ser um instrumento de conquista popular, como o carnaval, e que é assim que está acontecendo no Brasil.

Por meio da criatividade popular, a passarela do samba conheceu o lado real da realidade virtual. A Portela mostrou que a internet pode ser o principal meio de democratização do conhecimento em um país de dimensões continentais como o nosso. Um Brasil em desenvolvimento e de "mãos unidas pela inclusão". Mãos que digitam afoitas as dúvidas de mentes inquietas e com fome –, de informação. Mentos que se redescobrem no novo mundo conquistado a cada clique.

Mostrando a todos o que o mundo virtual tem de real a oferecer, a escola cantou o Rio de Janeiro "de paz pra viver", de internet pública ao acesso de todos na rua; sambou o Brasil da inclusão digital, da capacitação sustentável e da pesquisa científica com

responsabilidade social. Enfim, assistimos a um espetáculo pela democratização do acesso ao saber por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação.

No Brasil em que a Internet deixa de ser um mito e se transforma em um novo paradigma de emancipação popular, a Portela mostrou que, para os deuses anônimos que habitam a acrópole do samba, o link entre a inventividade brasileira e as Tecnologias da Informação e Comunicação representa a "senha para um amanhecer mais feliz", de educação, desenvolvimento e soberania popular. Depois de tanta ousadia e sagacidade na avenida, não resta dúvida de que a tecnologia é, de fato, uma nova paixão brasileira. Paixão nacional da qual todos temos o dever – e o direito – de nos apropriarmos, assim como o carnaval.

Hânder Costa Leal
Graduando em Relações Internacionais - UFRGS



Patrimônio Engenharia: restaurando o passado e apresentando o futuro

No próximo dia 8 de abril, a Associação dos Ex-alunos da Universidade, juntamente com a Escola de Engenharia e a Secretaria do Patrimônio Histórico (SPH), promoverão uma recepção no prédio novo da Engenharia (Av. Osvaldo Aranha, 99) das 17h às 20h. A ideia é reunir os profissionais graduados em Engenharia pela UFRGS para mostrar o andamento das obras de restauro do prédio centenário da Escola, situado em frente à Praça Argentina. Projetado pelo engenheiro João José Pereira Parobé e erguido entre 1898 e 1900, a edificação caracteriza-se por suas fachadas planas, dotadas de escassa decoração. Durante o encontro, a SPH realizará uma visita guiada aos demais prédios históricos já recuperados. Além disso, haverá uma apresentação dos cursos de graduação e pós-graduação e das atividades de pesquisa e extensão atualmente desenvolvidas pela Escola de Engenharia.



FLAVIO DUTRA/JU

Nova universidade

Hélgio Trindade é reitor *pro tempore* da Unila

O professor Hélgio Trindade foi designado pelo ministro da Educação para o cargo de reitor *pro tempore* da Universidade Federal da Integração Latino-americana (Unila). Ex-reitor da UFRGS (1992-96), membro de conselhos acadêmicos nacionais e internacionais, Hélgio coordena o processo de implantação da universidade desde a proposta de sua criação, em dezembro de 2007. Presidente da Comissão de Implantação da Unila, ele orquestrou o grupo de treze especialistas nomeados pelo MEC para contribuir com o planejamento institucional e a estruturação acadêmica e curricular da nova instituição federal com vocação latino-americana, cuja missão é promover a integração regional por meio do conhecimento compartilhado.



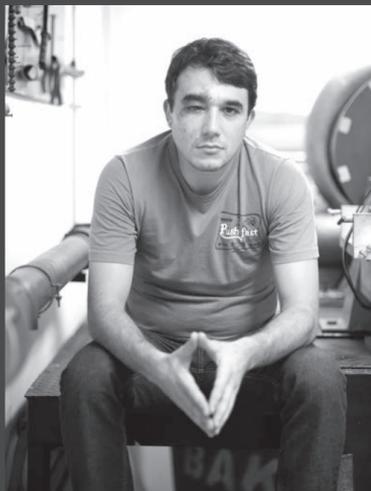
CAIO CORONEL/ITAIPU

Empreendedorismo

Projeto de estudante de Engenharia Elétrica é contemplado pelo BID

Rafael Ghellere poderia ter-se graduado no final de 2009, mas, devido à apresentação de um projeto para um concurso de inovação energética promovido pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), decidiu adiar a formatura.

O concurso oferecia até 200 mil dólares para a execução de projetos de caráter inovador em relação à eficiência energética que apresentassem características de desenvolvimento sustent-



tável e replicabilidade. Foram submetidos mais de mil projetos da América Latina e do Caribe e selecionados 25 finalistas. Do Brasil, foram escolhidos 14, sendo dois do Rio Grande do Sul, um deles o de Rafael. "Meu projeto propõe o reaproveitamento do lixo urbano e a geração de energia por meio do biogás da matéria orgânica. Também trato da separação de materiais recicláveis, em especial os plásticos, com a criação de pequenas indústrias de reciclagem de materiais que podem beneficiar as comunidades locais, bem como cooperativas de coleta seletiva", explica o estudante.

Preocupado com as questões ambientais, ele trabalha com automação industrial desde 2005 e acabou desenvolvendo um modelo de reciclagem e produção de energia de pequena escala.

Aos 29 anos, esse paranaense deixou sua terra natal há seis anos depois de ter cursado seis semestres de Engenharia Mecatrônica em uma universidade particular. "Lá não havia oportunidade de trabalhar com a área de automação industrial", conta Rafael que, desde que veio a Porto Alegre, reside na Casa do Estudante da UFRGS.

Refletindo sobre o quanto sua visão de mundo mudou desde que ingressou no curso de Engenharia Elétrica, ele diz: "A preocupação social que tenho hoje é muito maior, pois tive de realizar pesquisas pensando não só no desenvolvimento econômico, mas também no desenvolvimento sustentável com aplicações sociais. Percebi que a tua comunidade não precisa só de geração de riqueza", conclui.

Música

Festival de Campos do Jordão abre inscrições para bolsistas

Até o dia 26 deste mês, estão abertas as inscrições para estudantes interessados em integrar o corpo de bolsistas da 41.ª edição do Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão. Os 171 alunos selecionados terão a oportunidade de vivenciar, durante quatro semanas no mês de julho, um intenso laboratório de prática musical, que envolve aulas com músicos ligados a instituições de referência na música clássica no Brasil e no mundo, a prática de música de câmara e ensaios com a Orquestra do Festival. Os bolsistas ainda concorrerão a seis premiações: além do tradicional Prêmio Eleazar de Carvalho, que concede uma bolsa de estudos de R\$ 48 mil ao bolsista de maior destaque, o festival inaugura o Prêmio Ayrton Pinto, que oferecerá quatro premiações de R\$ 8 mil ao melhor bolsista por categoria de instrumentos. A sexta premiação vai para os bolsistas do curso de composição, que participam do Concurso Camargo Guarnieri, com prêmio no valor de R\$ 15 mil. As inscrições devem ser feitas pelo endereço eletrônico www.festivalcamposdojordao.org.br.

Artes Plásticas

Elida Tessler recebe prêmio internacional

Artista plástica, pesquisadora e professora do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS, Elida Tessler recebeu um prêmio internacional da fundação Cisneros Fontanals Art Foundation. Organização sem fins lucrativos que apoia projetos culturais e educacionais na área das artes visuais, a fundação subvencionará o projeto Dublin, elaborado pela artista durante a realização de um pós-doutorado em Paris no ano de 2009, com bolsa Capes. Dublin é o título de uma instalação concebida a partir de todos os verbos no gerúndio do romance "Ulisses", de James Joyce, e será composta por recipientes em vidro, rochas de cortiça com palavras impressas e cartões postais.

Reconhecimento

Presidente da PS Júnior é embaixador das empresas juniores brasileiras

A PS Júnior Consultoria Empresarial – empresa júnior do curso de Administração da UFRGS – comemora a escolha de Felipe Zortéa Camozzato como embaixador na Confederação Europeia de Empresas Juniores (Jade). O atual presidente da PS Júnior foi escolhido pela Confederação Brasileira de Empresas Juniores dentre os membros de 130 entidades espalhadas em onze diferentes estados do Brasil. Ele deverá permanecer por seis meses em Bruxelas, capital da Bélgica, representando o Movimento Empresa Júnior brasileiro na Jade e atuando como gerente sênior de projetos.



UFRGS TV

Conhecendo a UFRGS

Universidade participa de novo projeto com a RNP

Paulo A. Cabral

Ao se aproximar do quinto ano de existência, a UFRGS TV amplia a perspectiva de exibição de seus programas. Atualmente veiculando sua programação pelo Canal 15 da NET Porto Alegre, a TV produz em média dois programas inéditos por semana, com duração de meia hora, divulgando o ensino, a pesquisa e a extensão realizados pela Universidade. Além disso, funciona como um laboratório no qual bolsistas dos cursos de Artes Visuais, Comunicação e Design, produzem o material veiculado na UNITV também disponibilizado no YouTube.

A partir do primeiro semestre de 2010, os programas também serão disponibilizados no ITVU, o Serviço de Intercâmbio de Conteúdos Audiovisuais para a TV Universitária, projeto desenvolvido pela Rede Nacional de Pesquisa (RNP) em parceria com a Rede IFES, Rede de TVs Universitárias das Instituições Federais e Ensino Superior (vinculada a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais - Andifes).

Nesse primeiro momento, será realizado um projeto piloto envolvendo seis universidades brasileiras, previamente selecionadas para a etapa de instalação do serviço.

O serviço de ITVU é um sistema de suporte para intercâmbio de conteúdo digital, que utiliza a rede de alto desempenho da RNP, com o objetivo de compartilhar o conteúdo elaborado pelas TVs universitárias, otimizando custos de produção e ampliando o espectro de divulgação científica das instituições envolvidas.

O modelo inicial desse serviço foi testado entre associadas da TV Brasil. No final do ano passado, foi desenvolvida uma versão para as instituições universitárias, com a criação de um ambiente virtual com interface apropriada, que permite a transferência de conteúdos, o gerenciamento do repositório de acervo, a comunicação remota entre os participantes, a visualização de diversos formatos de áudio e vídeo e a integração com serviços da web.

As instituições participantes receberam servidores de alta capacidade para o envio de metadados e contam com o suporte de apoio da RNP, que gerencia o ambiente e os equipamentos.

A troca de conteúdos entre as instituições participantes, permite que os programas produzidos pelas tvs universitárias cheguem a públicos das diferentes regiões do país.

Assista aos programas

A programação produzida pela equipe da UFRGS TV pode ser assistida na UNITV, pelo canal 15 da NET POA.



Memórias renegadas, histórias omitidas, esquecimento sacralizado



Carlos Artur Gallo*

Nas primeiras semanas de 2010, a apresentação do 3.º Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH), ao invés de possibilitar discussões que resultassem no amadurecimento de questões candentes não só no Brasil mas também na América Latina – região que em menos de duas décadas vivenciou diversas experiências ditatoriais traumáticas –, suscitou diversas polêmicas. Diante do anunciado recuo do governo federal, as discussões pareceram contribuir para que velhos clichês sobre a nossa história recente fossem mais uma vez apresentados e, ao final, restassem fortalecidos.

É certo que excessos foram cometidos, tanto à esquerda quanto à direita, nos longos e penosos anos em que o país esteve em meio ao período de exceção inaugurado com o Golpe Civil-Militar de 1964.

A história oficial, em muitos aspectos

forjada pelos integrantes do próprio regime ditatorial e seus defensores, contudo, já é do conhecimento de todos. Porém, alguns fatos necessitam, sim, ser esclarecidos, sendo que tais esclarecimentos, por sua vez, só ressaltam a importância de dois aspectos (muito criticados) do PNDH: a criação da Comissão da Verdade e a vedação de ruas e praças com nome de pessoas responsáveis pela violação contínua aos Direitos Humanos que se deu de 1964 a 1985.

Aceitar a existência de logradouros e/ou locais públicos batizados com o nome de algoz dos nossos próprios cidadãos me parece tão absurdo quanto a possibilidade de que uma sinagoga estivesse instalada em uma rua chamada Adolf Hitler. O povo judeu, barbaramente estigmatizado e perseguido pelos nazistas ao longo dos anos de 1930 até 1945, pode imaginar quão ultrajante seria tal situação.

Além do que, o que se pretende não é reescrever a história dessas experiências traumáticas vivenciadas pelos brasileiros ao longo de 21 anos de ditadura, tampouco reabrir feridas ditas cicatrizadas.

O que se busca com a promoção de políticas públicas destinadas à criação de uma Comissão da Verdade é que, finalmente e como medida única de justiça para com todos aqueles que tomaram lutando por uma sociedade mais justa, livre e democrática, a sociedade possa saber quem foram os atores sociais (tanto à direita como à esquerda) que participaram ativamente das lutas que se travaram.

Uma vez reconhecida e revelada a verdade sobre as circunstâncias das mortes e desaparecimentos de militantes políticos praticadas pelos integrantes do aparelho repressivo instalado pelos militares, aí sim poderemos, enfim, permitir que, onde

até hoje permanecem sepulturas vazias e histórias omitidas, dê-se fim às discussões e, havendo o amadurecimento coletivo, sobrevenha a reconciliação necessária ao fortalecimento da nossa sociedade.

Paga uma dívida histórica e reconciliada a sociedade, contudo, a luta continua. Ao contrário do que foi dito nos últimos dias, jamais se deve esquecer dessa página infeliz da nossa história. Uma vez restabelecida a verdade que nunca deveria ter sido omitida, toda lembrança resgatada e cada memória revelada servirão não só para que não se esqueça, mas, principalmente, para que algo semelhante nunca mais ocorra.

Advogado, bacharelado em Ciências Sociais e mestrando em Ciência Política - UFRGS
E-mail: galloadv@gmail.com

Energias renováveis a serviço da comunidade

Luciano Lohmann Cerva*

Está prevista para este mês a instalação de uma torre que servirá como base para um aerogerador de 7,5 kW no Morro Santana, junto ao Câmpus do Vale. O equipamento teve o núcleo e as pastilhas de freio aprimorados, e a introdução de ímãs de alto rendimento energético, graças ao trabalho do Grupo de Desenvolvimento em Energias Renováveis (GDER) da UFRGS.

O Grupo pertence ao Laboratório de Transformação Mecânica (LdTM) da Escola de Engenharia, coordenado pelo professor Lírio Schaeffer, e está vinculado ao Centro de Tecnologia. Constituído em junho de 2007, o GDER vem desenvolvendo projetos com o apoio de órgãos financiadores, como o CNPq, a Fapergs, a Finep e a Capes, e parcerias com universidades e empresas. Seu objetivo é melhorar a tecnologia e os materiais necessários à construção de equipamentos destinados à geração de energias renováveis, tais como núcleos de máquinas elétricas, ímãs permanentes e pastilhas de freio. Para isso, utiliza a metalurgia do pó, técnica na qual as peças já são produzidas em suas formas definitivas, através da compactação em

pressas hidráulicas e posterior sinterização (aquecimento desse material em fornos). Esse processo, além de simplificar e baratear os estágios de fabricação, evita o desperdício de material. O grupo também desenvolve coletores solares e sistemas de transmissão de dados e monitoramento remoto wireless.

Atualmente, o grupo é composto por seis doutorandos, três mestrandos e dois bolsistas de graduação. As pesquisas realizadas até o presente momento já fomentaram quatro dissertações de mestrado e seminários, artigos nacionais e internacionais.

O LdTM está realizando testes de desempenho do aerogerador, já que o laboratório dispõe de equipamentos destinados à análise de propriedades mecânicas e eletromagnéticas, além de uma bancada para testes de máquinas elétricas rotativas.

As pastilhas de freio do aerogerador desenvolvidas pelo GDER apresentaram um aumento significativo na capacidade de atrito, pois sua composição compreende compostos metálicos, orgânicos e materiais adicionais, além de um novo método de preparação. Esses dispositivos já tiveram sua

patente requerida pela Universidade.

O núcleo do gerador foi produzido por meio da metalurgia do pó e substituiu o núcleo convencional, construído a partir de chapas de aço laminadas. Foram utilizadas ligas de materiais magnéticos macios, obtidos a partir de pós de ferro, em conjunto com outros elementos, tais como fósforo, silício ou níquel. Esse núcleo pode conferir melhores características de desempenho e rendimento, também tornando as máquinas mais leves.

Por sua vez, os ímãs projetados pelo GDER substituem os enrolamentos de campo (enrolamentos elétricos que se encontram no rotor do aerogerador), diminuindo assim a necessidade de manutenção da máquina elétrica.

O Grupo também é responsável pela implementação de um sistema de transmissão e monitoramento remoto de dados. Informações, como desgaste da pastilha de freio, vibração da torre, velocidade e direção do vento e energia gerada pelo aerogerador, serão capturadas por meio da placa de aquisição de dados, processados e em seguida transmitidos para um modem, que enviará os sinais a um

computador, via rede celular GPRS. Também foi desenvolvido um software utilizando a plataforma Windows e a linguagem de programação Delphi, e criada uma comunicação serial entre o modem celular e o computador.

A energia produzida pelo aerogerador será utilizada para a iluminação de uma praça a ser construída na Vila dos Seguranças da UFRGS, situada na Avenida Protásio Alves. A instalação será o início de uma série de outras, e servirá como base para a construção de um pequeno parque de energias renováveis, composto também por coletores solares e painéis fotovoltaicos.

No momento, a equipe do GDER se dedica a novos projetos de pesquisa, estudando e criando componentes de outros aerogeradores.

Para saber mais sobre o trabalho do GDER, basta consultar o site www.ufrgs.br/GDER, ou entrar em contato pelo telefone 3308-7040.

Doutorando do Grupo de Desenvolvimento em Energias Renováveis (GDER) da UFRGS

Fronteira da ditadura

Cronologia

Coletânea traz duas vastas cronologias elaboradas por um grupo de pesquisadores especialmente para a publicação. O JU reproduz o que ocorreu no estado apenas no ano do golpe:

1964

JANEIRO

- Plínio Cabral concede entrevista à imprensa, falando da iminência do golpe.
- Aprovada em plenário manifestação de solidariedade da Assembleia gaúcha ao Congresso Nacional, que ameaçou fechar caso o presidente continuasse governando por decretos.
- As entidades componentes do secretariado da Ação Católica da Arquidiocese de Porto Alegre lançam manifesto de apoio às reformas de base de João Goulart.
- Inicia-se o golpe civil-militar contra o presidente João Goulart.

ABRIL

- Partidos de direita organizam protesto contra João Goulart em São Francisco de Paula.
- Porto Alegre transforma-se em um reduto trabalhista e de apoio a Jango.
- Meneghetti isola o Palácio Piratini e transfere a capital do estado para Passo Fundo.
- Cerca de mil estudantes tomam a rádio da UFRGS para participar da campanha pela legalidade. Unidades da Universidade entram em greve, juntando-se aos estudantes na luta contra o golpe.
- Jango chega a Porto Alegre e declara que ainda é o presidente. Após reunião com militares do III Exército, percebe que não terá o apoio necessário para resistir ao golpe. Às 11h45min parte no avião presidencial para o exílio em Montevideú.

SETEMBRO

- Intensifica-se a política de expurgos na UFRGS através da "Operação Limpeza", quando são expulsos 16 professores e funcionários da Universidade oriundos dos cursos de Direito, Medicina, Economia, Filosofia, Agronomia, Veterinária, Belas-artes, Arquitetura e da Faculdade de Direito de Pelotas, na época vinculada à UFRGS. (A relação dos expurgados consta da versão virtual da coletânea).

Memória

Publicação recupera o papel do Rio Grande do Sul na história dos anos de chumbo no país

Jacira Cabral da Silveira

A UFRGS, em parceria com a Escola do Legislativo da Assembleia Legislativa, lançou no final de janeiro a coletânea A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985) – História e Memória. A primeira tiragem, de quatro mil exemplares, foi distribuída gratuitamente a escolas, instituições e ao público em geral e encontra-se disponível em versão virtual no endereço www.al.rs.gov.br/escola, em Publicações.

Composta de quatro volumes, a obra reúne textos de historiadores e depoimentos que revelam diferentes aspectos da repressão e da resistência vividas no Brasil e particularmente em nosso estado durante esse período da história nacional. Luis Fernando Verissimo assina o prefácio do livro produzido em tempo recorde (apenas 10 meses), no qual colaboraram mais de 30 autores.

A ideia da publicação teve início em 2009, durante atividade anual que relembra o golpe de 1964. Ao perceberem o entusiasmo da assistência, os organizadores resolveram publicar as falas dos palestrantes e depoentes. Acabaram agregando novas participações na tentativa de compilar um material mais amplo, capaz de suprir uma lacuna historiográfica quanto ao que ocorreu no estado naquele período.

Na opinião de Enrique Serra Padrós, coordenador da coletânea e professor de História Contemporânea da UFRGS, "não se discute nossa história recente, esse período tão complexo e delicado que foi a ditadura. A impressão é de que nada ocorreu aqui, que não foi nada importante e, principalmente, que não deixou sequelas. Isso é muito grave para a cultura política e democrática deste país".

Suzana Keniger Lisboa, ex-guerilheira e viúva do militante político Luís Eurico Teixeira Lisboa, torturado e assassinado pelos órgãos da ditadura, esteve presente no lançamento. Autora de um dos textos do 2.º volume, ela considera que o silêncio e a ignorância quanto ao passado têm resultados desastrosos na história atual: "É a impunidade dos crimes cometidos pela ditadura que inspira e alimenta os crimes hoje cometidos contra os movimentos sociais e contra os pobres e marginalizados".

O jornalista João Aveline, homenageado postumamente na cerimônia, também participa da obra por meio de uma entrevista concedida à historiadora Alessandra Gasparotto, em 2005, ano de seu falecimento. A conversa resgata desde o ingresso de Aveline no Partido Comunista, sua trajetória política e a prisão em 1975, e chega até o processo de reabertura. Sobre o desfecho dos anos de chumbo, ele disse à pesquisadora: "... a ditadura não foi derrotada pela luta armada, foi esmagada no plano político, exaurida na sua capacidade de se manter no poder sem mensagem. Foi isso o que aconteceu com a ditadura no Brasil. Ocorreram muitos equívocos".

Estado de fronteira – De acordo com seus autores, a coletânea procura mostrar a singularidade da história gaúcha nesse período. Lembranças esquecidas no registro nacional, que privilegia os acontecimentos históricos a partir do que ocorre no eixo Rio-São Paulo. "Considerando todo o resto uma história regional", critica Padrós.

Abordagem equivocada, afirma o historiador, pois nesse período nossa peculiar situação de fronteira transformou o estado em estratégica área de tráfego, tanto para os que procuravam exílio,

quanto para aqueles que buscavam informações do outro lado da fronteira. Com sua "fronteira seca", o Uruguai foi referência importante para os exilados brasileiros, de 64 a 67. "E não apenas para nomes conhecidos como o do presidente João Goulart e o do governador Brizola, mas também para os anônimos militantes do PTB, do PC e de outras organizações", lembra o professor.

Mesmo antes do golpe, o Rio Grande do Sul sempre se caracterizou por ser um estado militarizado, mais uma vez por sua situação de fronteira. Por outro lado, a partir da ditadura tem início uma especialização da concentração militar, na qual Santa Maria será o grande centro aglutinador do Terceiro Exército. Naquela cidade, nos anos de 1969, 1970 e 1971, houve a preparação de um plano de intervenção no Uruguai, num momento de grande efervescência da política no país vizinho.

O Rio Grande do Sul funcionou como um laboratório, onde foram experimentadas técnicas repressivas, posteriormente exportadas aos demais países latino-americanos.

Nesse contexto, segundo Padrós, o estado gaúcho assume o papel de caminho de entrada de muitos uruguaios e argentinos que vêm para cá, fugindo ou procurando rearticular a oposição aos regimes de seus países. "Isso também confere ao estado um caráter muito latino-americano nesses anos de chumbo de todo o Cone Sul."

Política intensa - A vida política no estado sempre foi muito intensa. Pouco antes do golpe, em 1961, é no Rio Grande do Sul que se desenvolve a Campanha da Legalidade, comandada pelo então governador Leonel Brizola. Jânio Quadros havia renunciado, e os legalistas reivindicavam a manutenção da ordem jurídica, que previa a posse de João Goulart, vice de Jânio. Os pronunciamentos de Brizola pela rádio Guaíba ficaram perigosamente gravados na memória de muitos.

Perigo que o governador Ildo Meneghetti, do Partido Social Democrático (PSD), adversário político

do PTB de Brizola, procurou evitar que se repetisse em 1964, requisitando por decreto as emissoras de rádio e televisão sediadas na capital. A justificativa: "Evitar sua utilização para a difusão de pronunciamentos que pudessem perturbar a tranquilidade reinante em nosso estado".

O objetivo de Meneghetti, segundo os historiadores, era evitar a reorganização da Cadeia da Legalidade. As medidas que se seguiram, colocando as Polícias Militar e Civil de prontidão, interditando ao trânsito a área subjacente do Palácio Piratini e transformando a sede do governo em quartel-general protegido por barricadas, visavam à repressão rápida dos focos de resistência.

Claudia Wasserman, professora do PPG em História da UFRGS e especialista em História Contemporânea da América Latina, que assina um dos textos da coletânea, lembra que Porto Alegre foi o último ponto de parada do presidente João Goulart antes de ele deixar o país. Reunido com Brizola, "Jango ouviu avaliações a respeito da situação e da conveniência de resistir ao golpe ou de partir para o exílio no Uruguai. Acabou optando por deixar o Brasil e evitar assim uma possível guerra civil".

Não existem documentos. É a resposta que muitos historiadores recebem quando recorrem a órgãos públicos em busca de informações que ajudem a contar a verdadeira história do Brasil. Conforme Wasserman, quando o DOPS foi extinto em maio de 1982, o último governador indicado pela ditadura no estado, Amaral de Souza, ordenou a incineração dos arquivos, comprovando o temor que o regime tinha de que suas ações repressivas e ilegais fossem reveladas com provas.

Esse é um dos motivos por que, na opinião de Padrós, ainda é incipiente a produção acadêmica sobre a história da ditadura militar no Rio Grande do Sul. Nesse sentido, a coletânea procurou buscar as informações diretamente com aqueles que sobreviveram àquela época: "Temos tanta história para ser resgatada e tanto protagonismo escondido", conclui.



22 de maio de 1964: o presidente Castelo Branco é recebido no aeroporto Salgado Filho pelo governador do estado Ildo Meneghetti



No ar, o mundo

Internet

Todos os câmpus da UFRGS já dispõem de rede sem fio gratuita

Em tempos de correria comunicacional, fica difícil saber se a necessidade de acessar a cada 10 minutos aquele site de notícias e conferir a caixa de entrada do e-mail é causa ou consequência do avanço tecnológico. O provável é que sejam as duas coisas e, enquanto tecnófilos e apocalípticos brigam para saber se isso é bom ou ruim, fica a certeza de que rumamos para um estado de conectividade permanente. Ciente disso, o Centro de Processamento de Dados (CPD) desenvolveu um serviço gratuito de internet wireless.

São dois “modos” de rede wireless: o *UFRGS sem fio* e o *Unidade sem fio*. Onde tem um, tem o outro. A diferença é a abrangência e o nível de segurança. Enquanto o primeiro oferece acesso e configuração imediatos em qualquer ponto em que exista sinal de internet (*confira o box para saber em que locais o serviço já vigora*), o segundo é apenas disponibilizado na unidade na qual foi requerida a conexão, se prestando a usuários que procuram uma navegação mais segura, como professores e funcionários.

Em funcionamento há quase dois anos, o serviço está em expansão e, em 2009, foi utilizado por 5.401 usuários. Em 30 de novembro do ano passado, os picos diários, entre 11h e 15h, registraram quase 140 pessoas conectadas ao mesmo tempo. Em 2010, esses índices devem aumentar.

Como acessar – O procedimento para conectar o *UFRGS sem fio* é o convencional: ao buscar sinais de internet disponíveis, o computador encontra a rede “ufrgs” e o usuário solicita conexão. Quando o navegador é acionado, são requeridos o número e a senha do cartão da UFRGS. É o que basta para se dispor de uma internet equivalente às bandas largas mais simples (em torno de 400 kb/s). Ao preencher os campos, não esqueça dos zeros iniciais do número do cartão. Sem eles, a reportagem do *Jornal da Universidade* não conseguiu acesso. Depois de configurado uma vez, o computador está habilitado para conectar o *UFRGS sem fio* em qualquer lugar onde haja sinal.

Os visitantes não ficam de fora – há eventos em que a internet é indispensável ao público. Para esses casos, pode ser realizada a emissão de tíquetes, acessível a qualquer servidor por meio de



Michelle Brown, estudante jamaicana de Odontologia, aproveita a conexão wireless no Antônio Lanches

seu portal na página da Universidade: “Lá, existe a opção de dar autorização de acesso à rede sem fio. É gerado um tíquete e o servidor estabelece quanto tempo ele irá durar, quantos usuários simultâneos serão admitidos, etc. Esse tíquete tem um usuário e uma senha, e estará em vigor durante o período estabelecido, seja um dia ou uma semana”, explica Leandro Fortes Rey, diretor do Departamento de Rede e Suporte do CPD. O acesso à rede fica sob a responsabilidade de quem solicitou o serviço com sua respectiva credencial de servidor.

O *Unidade sem fio*, recomendado a quem lida com documentos importantes, como arquivos de produção científica e registros de notas de estudantes, é mais exigente: “Simplicidade e segurança estão em extremos opostos. Toda vez que tu fazes um serviço, quanto mais seguro ele for, mais complicado será de usar. Se tu fazes o mais simples possível, o nível de segurança baixa”, diz Leandro, que esclarece como funciona o *Unidade sem fio*: “Cada unidade tem um gerente de rede. Alguns liberam o acesso para todas as pessoas lotadas no respectivo local, outros limitam para quem tem cartão. É necessária uma configuração específica, porque a rede tem criptografia, certificado de segurança... É como se o computador estivesse conectado a uma rede de cabo”.

“Me vê uma rede wireless aí?” – É assim mesmo: para que uma unidade seja contemplada com a internet sem fio da UFRGS, basta contatar o CPD e

solicitar instalação. Não há um limite técnico para a expansão do serviço, mas alguns padrões devem ser observados, conforme ressalta Leandro: “A iniciativa surgiu porque muitos começaram a instalar redes sem fio de qualquer forma. Se cada um configurasse do jeito que quisesse, seria o caos. Precisávamos de algo planejado. Hoje temos um modelo, e conversamos para ver o que precisa ser adaptado, comprado... Há unidades que não têm o serviço porque instalaram a rede sem nenhum critério”.

Como o *UFRGS sem fio* e o *Unidade sem fio* têm especificações diferentes, equipamentos inadequados podem oferecer recursos para a implementação de apenas um dos serviços. O mais conveniente é a aquisição de produtos que possibilitem a instalação de ambas as redes. “Existe uma lista de compras feita pela Universidade que contempla o modelo sugerido e até dispensa a necessidade de fazer licitação”, diz Mauro Dias de Castro, diretor da Divisão de Suporte à Rede do CPD, que acrescenta: “Independentemente de as unidades tomarem a iniciativa, todas as bibliotecas da UFRGS estão recebendo a instalação de rede sem fio. Isso é resultado de um projeto da Administração que garantiu a compra de equipamentos para esses setores”.

Navegando com moderação – Ok, agora você sabe que pode trazer seu laptop para a Universidade e se conectar à web de graça, mas isso não significa que as portas estejam abertas para a farra digital. Caso você esteja enviando

e-mails com conteúdo duvidoso (os famosos *spams*), os sensores de atividade estranha do CPD entrarão em ação: quando é detectada uma máquina propagando vírus, ela pode ser bloqueada.

Não que os acessos estejam sendo vigiados por uma espécie de Big Brother virtual. Os sensores apenas são capazes de monitorar e perceber comportamentos atípicos na rede: “Normalmente, quando há um vírus sendo enviado para teus contatos, são muitos e-mails – mil, dois mil... Muitas dessas comunicações os sensores entendem e interpretam”, relata Leandro Rey.

Na maior parte dos casos, o envio de vírus é decorrente não de malícia, mas de ingenuidade: “Às vezes detectamos pessoas cujas máquinas enviaram a senha bancária. Nesses casos não só bloqueamos, mas tentamos achar a pessoa o mais rápido possível. Se tu recibes uma mensagem: ‘clique aqui para ver as fotos da noite passada’ e nem tiveste uma emocionante noite passada, por que clicar?”, pergunta Leandro.

Pensando em esclarecer os usuários em relação aos perigos online, o Comitê Gestor da Internet no Brasil elaborou vídeos educativos que podem ser conferidos no endereço www.antispam.br/ vídeos. Como qualquer ferramenta, a rede se presta a usos diversos. Cabe ao bom usuário se informar para poder driblar as bestas marítimas e navegar em águas tranquilas.

Demétrio Rocha Pereira, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico

Locais com wireless já instalada

CÂMPUS CENTRO:

- Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico (Sedetec) (prédio 11.102)
- Escola de Engenharia (prédios 11.105 e 12.204)
- Faculdade de Direito (prédio 11.108)
- Faculdade de Ciências Econômicas (prédio 11.109)
- Instituto de Ciências Básicas da Saúde (ICBS) (prédio 12.101)
- Faculdade de Arquitetura (prédio 12.103)
- Reitoria e Biblioteca Central (prédio 12.107)
- Salão de Atos (prédio 12.108)
- Anexo II da Reitoria (prédio 12.109)
- Faculdade de Educação (prédio 12.201)
- Instituto de Artes (prédio 13.201)

CÂMPUS SAÚDE:

- Escola de Enfermagem (prédio 21.103)
- Faculdade de Farmácia (prédio 21.106)
- Instituto de Psicologia (prédio 21.107)
- Centro de Processamento de Dados (CPD) (prédio 21.201)

FACULDADE DE AGRONOMIA:

- Departamento de Fitossanidade (prédio 41.201)
- Prédio Central (prédio 41.301)

FACULDADE DE VETERINÁRIA:

- Centro de Pesquisa e Diagnóstico em Patologia Aviária (prédio 42.403)
- Hospital de Clínicas Veterinárias (prédio 42.501)
- Laboratórios / Salas de aula (prédio 42.601)
- Administração (prédio 42.602)

CÂMPUS DO VALE

- Instituto de Matemática (prédios 43.111, 43.112 e 43.124)
- Instituto de Química (prédios 43.121 e 43.131)
- Instituto de Letras (prédios 43.211 e 43.221)
- Instituto de Ciências e Tecnologia de Alimentos (ICTA) (prédio 43.212)
- Departamento de Genética (prédios 43.312 e 43.323)
- Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (prédio 43.321)
- Instituto de Informática (prédios 43.412, 43.413, 43.424 e 43.425)

Dois pontos

“COMO SE ESCREVE”

Enfim, um terço da população brasileira que tem acesso à Internet (dado do Ibope) dispõe agora de um facilitador para acabar com as incertezas (que espero que tenham!) relativas à grafia da língua portuguesa: a Academia Brasileira de Letras demorou mas colocou na rede o Volp digital. Essa ferramenta atualizada – denominada Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, vulgo Volp – serve para a consulta, pelo sistema de busca, aos vocábulos da língua portuguesa conformes com os novos parâmetros ortográficos. Ou seja, é um inventário das palavras normatizadas pelas bases do tão falado quanto controverso Acordo Ortográfico. Os

mortais escrevedores pré-acordo já podiam, e agora, na versão remodelada, devem utilizá-lo para dissolver suas dúvidas. Sugiro, aliás, que seja colocado entre os (sites) favoritos. O endereço é www.academia.org.br. Depois de entrar na página inicial, é só seguir o caminho Nossa Língua / Busca no Vocabulário. Reformatado, finalmente poderemos saber se devemos agora grafar subrogado ou sub-rogado. Muitos, por certo, ainda olham de esguelha, desconfiados de que, sem o acento, as “ideias” ficaram pobres.

Vamos lá, tanto se reclama da falta de cuidado com a ortografia da língua que não custa um olhar mais atento, consultando o Dr. Volp. Há a versão em livro, para os que preferem

a modalidade palpável ou que estão à margem do eixo internautico. Aliás, para atender a estes, que certamente não correrão às livrarias para adquirir seu exemplar, às escolas deve ser fornecido exemplar de um dicionário atualizado, e isso precisa ser requerido, uma vez que depois dos nativos digitais será a vez da geração dos nativos pós-acordo. E a escola é o lugar por excelência para a incubação das novas grafias.

Sobre a versão em papel do Volp, é necessário cuidar porque só a partir da quinta edição o texto ganhou forma “definitiva” – a primeira ficou cheia de adendos e erratas. É importante saber que alguma alteração ainda será possível, e que os demais países ainda não fizeram o movimento de adoção do Acordo

como ocorreu no Brasil. Isso quer dizer que teremos muita querela à frente, em especial entre os falantes do nosso idioma do além-mar (com hífen!). Mas anotem: segundo a regulamentação, o material didático brasileiro já deve, a partir deste ano, estar em conformidade com o Acordo. Amém.

Afinal, “saber é pouco / como é que água do mar / entra dentro do coco?” (Leminski, *La vie en close*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991).

Antônio Falcetta, revisor de textos
antonio.falcetta@secom.ufrgs.br

O ensino de idiomas no Brasil

1930 – Getúlio Vargas cria o Ministério de Educação e Saúde Pública e o Conselho Nacional de Educação com o objetivo de reformar o sistema de ensino nacional.

1931 – A reforma Francisco Campos estabelece pela primeira vez um método oficial de ensino de língua estrangeira (LE), por meio do qual o português (língua materna) perdeu o papel de mediador no ensino de LE. É o começo da solidificação do ensino de LE.

1942 – Promulgada a Lei Orgânica do Ensino Secundário, também conhecida como Reforma Capanema, assinada pelo então ministro da Educação Gustavo Capanema, do governo de Getúlio Vargas. Ganhou importância o ensino das línguas clássicas (latim e grego) e modernas (francês, espanhol e inglês). De acordo com a lei, eram destinadas 35 horas (16% do currículo) ao ensino instrumental dos idiomas: latim, francês e inglês no Ensino Fundamental; francês, inglês e, pela primeira vez, o espanhol em substituição ao latim no Ensino Médio. É o primeiro momento em que o espanhol é considerado língua estrangeira.

1961 – Promulgada a primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB), na qual as LEs passam a ser disciplinas complementares, não obrigatórias. São criados os Conselhos Estaduais de Educação, cabendo às comunidades escolares decidirem entre uma língua clássica (latim, grego) ou uma moderna a ser ministrada na escola.

1971 – É reformada a LDB/61 e o ensino das LEs passa a ser apenas recomendado. O Brasil vivia o período de ditadura militar, no qual a filosofia vigente dava pouca importância às culturas estrangeiras expressadas pela língua.

1976 – Volta à obrigatoriedade do ensino das LEs no segundo grau (hoje Ensino Médio) e por acréscimo no primeiro grau (hoje Ensino Fundamental) – ainda são as comunidades escolares que optam pelo idioma a ser ministrado na escola. O MEC firmou convênio com órgãos norte-americanos (Acordo MEC-USAD) que oferecia contribuições financeiras e assistência técnica às reformas que ocorriam no sistema educacional brasileiro.

1980 – O pensamento de redemocratização vivido no país cria um cenário propício à organização de professores da área em busca da retomada da pluralidade da oferta das línguas estrangeiras nas escolas públicas. Em contraponto à hegemonia do ensino do inglês, estudiosos brasileiros – partidários do sentimento de nacionalismo e anti-imperialista vivido nos países latino-americanos à época – afirmavam que o espanhol deveria ser o idioma a ser ensinado na rede pública de ensino.

1991 – É o ano do chamado boom pela procura do ensino do espanhol. A justificativa para tal fenômeno deve-se ao fato de que, em 26 de março, Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai assinam o Tratado de Assunção, que cria o Mercado Comum do Sul (Mercosul), adotando como idiomas oficiais o espanhol e o português. Tal interesse, entretanto, perde força com o declínio do Mercosul.

2005 – Em 5 de agosto é sancionada a Lei n.º 11.161 que determina a obrigatoriedade da oferta do ensino da língua espanhola às escolas, sendo facultativa a matrícula aos alunos.

2010 – Em agosto, completa-se o período de implantação da lei que determina a inclusão obrigatória do idioma nos currículos do Ensino Médio.



Adeus aoportunhol

Educação 2010 é o prazo final para todas as escolas de Ensino Médio ofertarem de forma obrigatória o ensino do espanhol

Jacira Cabral da Silveira

O “oportunhol” está por ser desbancado. A partir de agosto, todas as escolas de Ensino Médio no Brasil devem oferecer, sem exceção, o ensino do espanhol, sendo facultativo aos alunos matriculem-se ou não na disciplina. A diretriz consta na Lei n.º 11.161, de cinco de agosto de 2005, chamada Lei do Espanhol, que estabeleceu cinco anos para a sua implantação em todo o território nacional. Segundo a norma, fica facultada a inclusão da língua espanhola nos currículos plenos do Ensino Fundamental de 5.ª a 8.ª séries.

Mas, por mais que a língua de Neruda e de Cervantes tenha sido elevada

ao status de idioma obrigatório no sistema educacional brasileiro através da sanção da lei, ainda há muito a ser realizado, não só no sentido de adaptar a lei à realidade das 27 unidades federativas, como também de desenvolver uma cultura de valorização do idioma falado em quase 100% dos países que fazem fronteira com o Brasil.

De acordo com o censo de 2008, dos 8 milhões e 300 mil estudantes de Ensino Médio no país, 1 milhão e 200 mil já tiveram aula de espanhol na educação formal após a aprovação da Lei 11.161. Segundo a mesma pesquisa, fazem parte desse universo seis mil professores de espanhol graduados em Letras com habilitação no idioma.

Entretanto, conforme Carlos Artexes Simões, diretor de Concepções e Orientações Curriculares para Educação Básica do Ministério da Educação (MEC), é preocupante o baixo número de concursos realizados até o presente momento para que os estados e municípios possam adequar suas redes às exigências da lei. Ele diz que apenas nove dos estados brasileiros já regulamentaram a lei, o que implica, entre outras coisas, a realização de tais concursos.

Mesmo que o Rio Grande do Sul esteja entre esses estados, o parecer n.º 734 do Conselho Estadual de Educação (CEE), que “orienta o Sistema Estadual de Ensino quanto à inclusão da Língua Espanhola no currículo de Ensino Mé-

dio, a partir de 2010”, só foi aprovado em 2009, um ano antes de findar o prazo para a implantação da nova lei. E, de acordo com Artexes, cabe aos Conselhos Estaduais normatizar as leis sancionadas pelo governo federal.

Jane Graeff, responsável pela divisão de Ensino Médio da Secretaria de Educação do Estado (SEC), afirma que uma das medidas a ser adotada no Rio Grande do Sul será a contratação emergencial de professores. Tal demanda, entretanto, vai depender do levantamento das 39 Coordenadorias Regionais de Educação (CREs) junto às 995 escolas estaduais de Ensino Médio. O censo escolar 2009 apontou a existência 359 mil alunos de Ensino Médio no estado. Jane informa que 80% desse universo matricula-se na rede pública de ensino.

Peleia por espaço – Na avaliação de Mónica Nariño Rodríguez, professora do estágio de docência em língua espanhola do Instituto de Letras, outro fator que contribuiu para o retardo na adequação à lei por parte das escolas foi a oposição de professores de inglês, por acreditarem que perderiam espaço com o cumprimento da lei. Com base nos dados divulgados por Artexes, até 2005, ano da promulgação da Lei n.º 11.161, cerca de 90% das escolas ofereciam o inglês como língua estrangeira obrigatória em seus currículos.

Situação que, na opinião da vice-diretora do Instituto Maria Lucia Machado de Lorenci, não mudou muito. Também docente do setor de espanhol, ela afirma que a procura pelo espanhol nos vestibulares tem ocorrido em detrimento das matrículas em idiomas como o francês, o italiano e o alemão, mas “a primazia do inglês não foi abalada”, ressalta.

Esse interesse pelo espanhol se intensificou a partir da criação do Mercado Comum do Sul (Mercosul), em 1991. Acreditava-se na possibilidade de expansão do mercado de trabalho para quem dominasse o idioma. À época, a UFRGS passou a oferecer duas turmas de espanhol, para atender à procura crescente. Atualmente, a Universidade forma dez professores com habilitação em espanhol por semestre, que podem começar a dar aulas a partir do sexto semestre.

O boom do espanhol também teve reflexo na rede privada de ensino superior, que passou a criar turmas de Letras com habilitação em espanhol. Essa procura, entretanto, durou até o desaquecimento do bloco econômico, quando algumas dessas faculdades acabaram fechando suas licenciaturas. Perguntados, setores da SEC, do CEE e mesmo do MEC não souberam responder quantos cursos de licenciatura em Letras com habilitação no idioma existem hoje no estado ou no país.

Dúvidas na hora de cumprir a lei

Em se tratando de leis e suas interpretações, nem sempre as conclusões são as mesmas e podem gerar confusão. É mais ou menos isso o que está ocorrendo com a Lei n.º 11.161, que torna obrigatória a oferta, mas facultativa a matrícula por parte do aluno. Reproduzimos, a seguir, de forma sintética, algumas das dúvidas expostas em agosto de 2007 pelo Conselho Estadual de Educação de Sergipe ao Conselho Nacional de Educação:

CEE/SE - A instituição de ensino que oferece a Língua Espanhola como língua estrangeira (LE) obrigatória já estará atendendo ao disposto na Lei n.º 11.161/2005 ou deverá tornar a Língua Espanhola oferecida em matrícula facultativa para o aluno e inserir em seu currículo, em caráter obrigatório, uma

outra língua estrangeira moderna?

CNE - Se esta é a língua escolhida pela comunidade como primeira, ou seja, para ser a obrigatória, neste caso, será uma outra a LE que comporá o currículo escolar, podendo a segunda língua ou outras, se for possível diversificar a oferta facultativa, ser escolhida em razão das disponibilidades no corpo docente. Entretanto, caberá destacar que, se a Língua Espanhola é a obrigatória em determinada escola, resta para a matrícula facultativa do aluno a segunda língua moderna (e as demais, se houver) ministrada na escola.

CEE/SE - Será permitida a oferta de apenas uma LE moderna à instituição de ensino que pretenda incluir em seu currículo, em caráter obrigatório, a

Língua Espanhola?

CNE - Não é permitido “o oferecimento de apenas uma língua estrangeira moderna”, no Ensino Médio, ainda que esta seja aquela cuja oferta é obrigatória em todas as escolas, a Língua Espanhola. E não será demais retomar o que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no inciso III, do seu artigo 36, define com clareza: o currículo do Ensino Médio deve incluir uma língua estrangeira moderna obrigatória e mais uma segunda, em caráter optativo.

O texto completo do parecer do Conselho Nacional de Educação pode ser acessado pelo endereço http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/pce018_07.pdf

Especial



Quanto vale o Vale-cultura

Política

Iniciativa do Executivo pretende dar ao trabalhador o poder econômico de decisão

TEXTO **CAROLINE DA SILVA**
E **ARIEL FAGUNDES**
FOTOS **FLÁVIO DUTRA**

Em uma lista de necessidades básicas, pode ser que itens culturais – muitas vezes sinônimos de lazer e entretenimento – talvez nem sejam lembrados. O que corrobora a versão de que cultura é algo supérfluo. Essa seria a conclusão a que se chega após ouvir o aposentado Zeferino Simão Correa, para quem comida é essencial, não enxergando a utilidade de livros e revistas. Mas estudantes como Pamela Flores, que precisam de publicações caras para a faculdade, veem neles uma prioridade. Já o bancário Luis Felipe Ferreira considera os livros, ao lado de cinema e teatro, coisas básicas.

Diante da aprovação do vale-cultura, proposto pelo Poder Executivo no Senado, o Jornal da Universidade foi a pontos de grande circulação no Centro de Porto Alegre perguntar o que as pessoas fariam com uma verba a mais por mês para gastar com bens culturais (depoimentos na enquete do quadro ao lado). Entre diversas opiniões, fica claro que a preferência seria por algo a que não se tem oportunidade de obter regularmente.

Para o professor de História e Artes Visuais

da UFRGS Francisco Marshall, há uma conquista semântica e simbólica. “O vale-cultura estimula uma parcela importante do público capaz de consumir cultura no país a conhecer melhor as opções, avaliar, comparar e frequentar atividades ou adquirir bens culturais. O valor alocado é pequeno, mas tem efeito motivador e didático. Entre outras coisas, dá ao consumo cultural uma importância desconhecida para muitos, e o equipara, nos contracheques, a outros benefícios vitais, como vale-transporte e vale-alimentação.” Marshall avalia ainda que, apesar do nome, “o vale-cultura não deve ser confundido com as demais iniciativas de caráter assistencialista que o governo Lula implantou, seguindo ideia de José Sarney (autor do vale-gás)”.

Resumindo – No ano passado, o Ministério da Cultura (MinC) concluiu que, em 18 anos de existência, a Lei Rouanet não foi capaz de atingir o que se esperava dela. O acesso aos bens culturais não foi democratizado, não se desenvolveram as condições necessárias para que a renda das obras cobrisse seus custos e não houve uma inclusão cultural significativa no país; pelo contrário, centralizou-se ainda mais. Em função disso, o ministro Juca Ferreira propôs reformulações na legislação de incentivos. Foi aí que surgiu a proposta de implantação do vale-cultura.

Porém, como a Lei Rouanet mostrou-se um tema delicado desde a sua criação, discussões a seu respeito nunca são das mais ágeis. Isso incentivou o MinC a desmembrar, em maio, a proposta do vale-cultura de seu projeto inicial, na esperança de que a Câmara dos Deputados o aprovasse em regime de urgência. E foi o que ocorreu, mas apenas em setembro. Depois disso, o PL 5.798/2009 seguiu para o Senado, onde foi

debatido por diversas comissões até ser aprovado em 16 de dezembro.

No Senado, permitiu-se ainda a utilização do cartão para a compra de artigos como jornais e revistas. Com o aval dos senadores, o texto voltou aos deputados para que avaliem se concordam com as mudanças e, desde 2 de fevereiro, ele tramita na Câmara em regime de prioridade. Segundo a deputada federal Manuela D’Ávila (PC do B/RS), relatora do projeto na Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público, a previsão é de que até o final deste mês ele seja aprovado na casa. Em abril, o presidente da República deverá sancionar o projeto. Considerando o período de adaptação à lei que dura meio ano, o vale-cultura deve se tornar um direito pleno no início de 2011.

Sem garantias – O urbanista Cicero Alvarez, mestre em Arquitetura pela UFRGS e pesquisador de patrimônio histórico e artístico, acredita que a medida poderá ser benéfica para o fomento da cultura no país. Respondendo pelo cargo de presidente do Conselho Estadual de Cultura até 28 de fevereiro, ele contemporiza: “É importante lembrar que o projeto de lei que cria o vale-cultura ainda está em processo de modificação. Portanto, uma análise mais elaborada dependerá da redação final do texto”. Segundo ele, não basta dar os R\$ 50 aos trabalhadores para garantir o acesso à cultura, permitindo a aquisição de ingressos de cinema, teatro, museu, shows, livros, CDs e DVDs: “Quanto têm condições de se deslocar de onde moram para assistir a um espetáculo? Quantos entraram em museus que são gratuitos?”

Diante às estatísticas colhidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e divulgadas pelo MinC de que apenas 14% da população brasileira vai ao cinema uma vez por

mês, 92% não frequenta museus, 93% nunca foi a uma exposição de arte e 78% nunca assistiu a um espetáculo de dança, o conselheiro pergunta se esse quadro mudará apenas com o vale-cultura.

A pesquisadora de Economia da Cultura da Fundação Getúlio Vargas Ana Carla Fonseca Reis questiona se o público não vai ao teatro por falta de dinheiro ou pelo número reduzido de casas de teatro, por dificuldade de locomoção, ou pela inadequação de horário; se as pessoas não leem por falta de dinheiro ou por uma conjunção de ausência de vontade, dificuldade de acesso a bibliotecas e falta de óculos. Por isso, ela costuma dizer que o vale-cultura é um instrumento nobre, cuja eficácia não é possível estimar do ponto de vista da formação de plateia ou da democratização do acesso.

Ponta do iceberg – O artista plástico André Venzon segue a linha dos problemas levantados por Ana Carla, de falta de estrutura para a cadeia se desenvolver: “Ou não é verdade que, se hoje uma família receber o vale-cultura, terá de ir ao shopping ver cinema e precisará de um ônibus para tanto?”. Para ele, que preside a Associação Rio-grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, o mesmo ocorre na compra de um livro de arte. A escola pública, segundo a Lei de Diretrizes e Bases, deveria fornecer aos estudantes indicações de leitura recomendadas pelos professores de artes, “mas isso não foi cumprido. Desse modo, o ‘vale-cultura’ acabará indo passar nos shoppings, onde estão as melhores livrarias”.

Ele lembra que a maioria da população brasileira nunca foi a um museu de arte ou a uma biblioteca pública. Apesar de considerar bem-vindo qualquer instrumento de democratização e socialização da cultura, Venzon pergunta: “Onde consumir a arte e a cultura com o vale-cultura?”.

Sem caráter assistencialista, medida dá ao setor a mesma relevância de alimentação e transporte

Um cartão, R\$ 2 bilhões e muitas dúvidas

O vale-cultura será um cartão magnético no valor de R\$ 50, cumulativo, que a pessoa receberá todo mês para gastar apenas com bens culturais. Tudo indica que serão contemplados trabalhadores de empresas privadas, estagiários e funcionários públicos federais que recebam até cinco salários mínimos. Porém, ao contrário do que acontece com o vale-alimentação, em que há um desconto de até 10% do salário, nesse caso a dedução mensal será de, no máximo, 10% do valor do cartão (R\$ 5). A deputada federal Manuela D'Ávila (PC do B/RS), uma das relatoras do projeto na Câmara, afirma que o texto atinge ainda os aposentados dessa faixa salarial, mas admite que provavelmente esse ponto será vetado pelo presidente da República.

Apesar de o trabalhador não ser obrigado a utilizar esse recurso, nem as empresas a aderirem, a expectativa é de que ele seja bem recebido. "Embora seja um benefício que a firma paga para o funcionário, ela não gastará esse valor porque ele é uma isenção fiscal, é um dinheiro que o governo deixará de arrecadar", explica a parlamentar.

Com isso, calcula-se que serão cerca de R\$ 2 bilhões entrando na economia brasileira pelo setor cultural. Manuela entende que os efeitos disso no mercado da cultura serão sentidos logo que a lei entrar em vigor: "Será imediato, porque rapidamente as pessoas passarão a ter R\$ 50 a mais pra consumir. E quando se libera o consumo se consegue fomentar essa cadeia".

O cartão só poderá ser utilizado, no entanto, em estabelecimentos que tiverem o aparelho que o leia. A respeito disso, a deputada garante que "o MinC já se comprometeu a pensar a distribuição dessas máquinas de maneira ousada" e que isso está formalizado no seu relatório. "O que mais me preocupa é que elas estejam disponíveis em ambientes que contemplem a diversidade cultural, esse é o grande desafio", avalia.

Na opinião do pesquisador Cicero Alvarez, o vale-cultura poderá beneficiar o fomento das artes no país. Porém questiona se somente essa medida irá mudar o quadro levantado por uma pesquisa do IBGE, segundo a qual 92% da população brasileira não frequenta museus e 93% nunca foi a uma exposição de arte.

ENQUETE

O Senado aprovou o projeto de lei que institui o vale-cultura, fornecendo R\$ 50 ao trabalhador para adquirir produtos e serviços culturais. Como você usaria esse dinheiro?

"A primeira coisa que eu faria é ir ao cinema, porque é um passeio seguro, mas muito caro."
Magda Borba, 30 anos, desempregada, ensino médio completo

"Eu compraria livros para usar na faculdade, que não são baratos."
Pamela Flores, 20 anos, operadora de telemarketing, ensino superior incompleto



"Gostaria com teatro e cinema, que são coisas, muitas vezes, de difícil acesso. Pra levar a família tem que ser de carro, aí tem a gasolina, o estacionamento, mais os ingressos. R\$ 50 viriam bem."
Sandra Lopes, 46 anos, artesã, ensino médio completo



"Eu gastaria com shows."
Rita de Cássia, 28 anos, operadora de telemarketing, ensino médio completo

"Quería usar no meu rancho, mas, já que não pode, eu usaria pra comprar o jornal que eu gosto de ler todo dia."
Luiz Carlos da Silva, 51 anos, vendedor ambulante, ensino médio incompleto

"Eu gastaria com livros, teatro ou algum show em que quisesse ir. Muita gente não vai num show porque não tem dinheiro para a entrada, assim já é um empurrão."
Ervino Pinto Barbosa, 40 anos, vendedor, ensino fundamental incompleto

"Iria mais nos ensaios da minha escola de samba e compraria livros, mas só na Feira do Livro, que é mais barato."
Ludimila Vasconcelos, 20 anos, funcionária de banco, ensino médio completo

"Compraria comida. Não pode? Então não comprava nada. Pra que comprar livro, revista? Tem que comprar rangol!"
Zeferino Simão Correa, 87 anos, aposentado, ensino médio incompleto



"Eu não sou acostumado a ir em teatro. Então iria mais no cinema."
Diego Grossini, 15 anos, estudante, ensino médio incompleto



"Eu gastaria com teatro, que é o que eu mais gosto."
Thiago Soares, 20 anos, operador de telemarketing, ensino médio incompleto

"Compraria livros, que são muito importantes."
Maiara Oliveira, 20 anos, operadora de telemarketing, ensino superior incompleto

"Eu gastaria em shows e concertos."
Carlos Carvalho Júnior, 20 anos, designer gráfico, ensino médio completo

"Ultimamente, tudo que ganho aplico no meu filho, que está tirando um curso técnico, e é bem caro. Então, compraria livros para ele."
Carmen Lúcia Carvalho, 55 anos, corretora de imóveis, ensino médio completo



"50 reais viriam bem, né? Eu iria usar pra assistir a um jogo, tipo o da Seleção, que vai ter. O que eu curto mais é futebol, então seria por aí."
Varlei Freitas, 46 anos, motorista, ensino médio incompleto



"Eu gosto mais de cinema, que é caro. Aí gastaria com isso. Apesar de ser difícil julgar o que é caro ou não, pois tem o preço da obra."
Alexandre Ramos, 37 anos, taxista, ensino superior incompleto

"Ir mais a museus e galerias pagas. E iria bastante ao teatro também, que geralmente é caro."
Priscila de Oliveira, 21 anos, estudante paulista, ensino superior incompleto

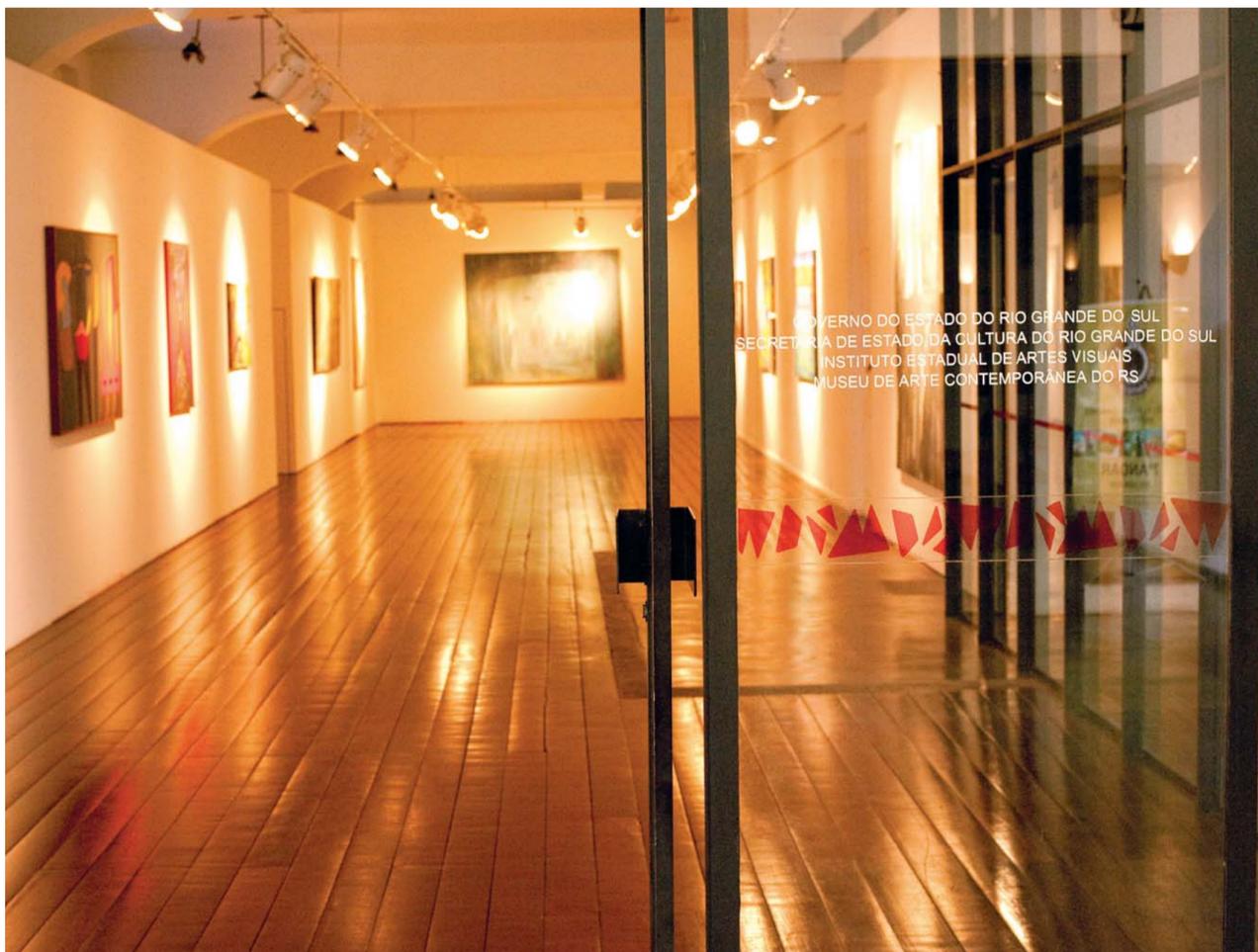


"Eu gastaria com shows musicais, apresentações de bandas e tal. A minha preferência é música."
Everton Sgardiolli, 25, professor, ensino superior completo

"Eu sou uma pessoa que gosta muito de música, então usaria o cartão para ir a shows."
Jeferson Braga, 21 anos, operador de telemarketing, ensino médio completo



"Gostaria em cultura em geral. Cinema, teatro, livros, coisas básicas. Mas, se é pra escolher, seria mais em livros, porque eu gosto muito de leitura."
Luis Felipe Ferreira, 46 anos, bancário, ensino superior completo



GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO ESTADUAL DE ARTES VISUAIS
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO RS

Política

Novo presidente uruguaio dá sinal verde ao bloco econômico

Contra o Mercosul não se pelea

Uma vitória presidencial carregada de simbolismo assinala um panorama de mudança na continuidade para os uruguaio. O novo presidente empossado em 1.º de março e ex-líder Tupamaro Pepe Mujica garante pela segunda vez consecutiva o poder da Frente Ampla e promete engajamento na integração do país ao Mercosul. Durante a posse em Montevideu, ele enfatizou que as batalhas pelo “tudo ou nada” não são o caminho da transformação e que a melhora na educação e na segurança não é feita “aos gritos”.

O aprofundamento nas políticas sociais é uma das medidas que confirmam a sequência à forma de governo do antecessor de Mujica, Tabaré Vazquez. Eleito em 2004, ele rompeu com a histórica alternância de poder entre Blancos (atual Partido Nacional) e Colorados, consolidada desde meados do século XIX. Durante o mandato de Vazquez, 75% dos governos locais do Uruguai estavam sob administração frenteamplista. A coalizão se apresenta hoje como uma união de partidos políticos disposta a garantir os princípios da democracia já conquistados. “Não se espera grandes rupturas do governo de Mujica, pelo próprio perfil da Frente Ampla, uma esquerda moderna, democrática, não de um governo revolucionário”, afirma o professor de Relações Internacionais da Universidade André Reis da Silva. A presença do vice-presidente eleito Danilo Astori atesta essa tendência, uma vez que, já sendo ministro da economia de Vazquez, promete não mexer nas estruturas econômico-financeiras do país. A simbiose Mujica-Astori, segundo o professor de História da UFRGS Enrique Padrós, deve apostar na estabilidade econômica a fim de seduzir os investidores externos.

Democracia consolidada - Sobretudo durante a última década, a disposição dos partidos de esquerda uruguaio, brasileiros e chilenos é investir no respeito às instituições e aplicar os recursos de Estado disponíveis em políticas sociais. Isso é o que se pode esperar de Mujica. Conforme o professor de Sociologia da Universidade Raul Rojo, os uruguaio têm uma invejável cultura cívica e um grau de amadurecimento político que argentinos e brasileiros fariam muito bem em copiar. “Isso permite que a sociedade civil e o sistema político uruguaio assimilem o princípio de mudanças sem fraturas. Há confrontos políticos, mas não há inimizades intransponíveis”, explica.

Nações como Uruguai e Chile são, nesse sentido, “velhas democracias”, para as quais o período de ditadura militar significou um parêntese triste e sangüinário, todavia incapaz de abalar as bases dos valores democráticos consolidados historicamente. Padrós argumenta que o fato de o primeiro governo nacional da Frente Ampla ter encerrado com mais de 60% de aprovação (algo inédito na história do país) é a expressão de que, “apesar das suas contradições, limitações e alguns equívocos, foi altamente valorizado por uma sociedade fortemente politizada”.

Os episódios e os personagens do período militar – entre os quais Pepe Mujica teve um papel saliente como líder do Movimento de Libertação Nacional (MLN), os Tupamaros – fazem parte da agenda da opinião pública uruguaia. Durante a última eleição presidencial, foi proposto à população o debate sobre a caducidade da Lei da Anistia, que previa a prescrição dos

crimes cometidos durante os anos do regime, isentando militares e guerrilheiros de julgamento. Por meio de um plebiscito, 52% dos uruguaio disse não à revogação da lei, isto é, preferiu esquecer os acontecimentos da época. Embora polêmica e contraditória, para Rojo essa atitude denota uma maturidade cívica da população. “Se Mujica ganhasse, os mesmos votos

seriam também pela revogação da Lei da Anistia. Mas não foi o que aconteceu. Os uruguaio estão convencidos de que é mais importante não abrir feridas.”

Padrós avalia o fato como confuso: “A não revogação da Lei ficou como marca traumática, pois tal aprovação, se tivesse ocorrido, teria o significado histórico de destravar as restrições legais para que a justiça pudesse inter-

vir contra todos os crimes durante a ditadura. Isso mostra entendimentos enviesados no interior da própria esquerda uruguaia”, defende. Segundo dados da Anistia Internacional, mais de 40 mil pessoas foram detidas em prisões e quartéis entre 1972 e 1976.

Amada América, de sangue e suor – Uruguai e Mercosul não têm andado

tão de mãos dadas assim ultimamente. Do ponto de vista industrial, o país passa por um processo de decadência desde a década de 60, e hoje sua economia oscila conforme a agricultura do sistema internacional. No último trimestre de 2009, o PIB uruguaio apresentou um crescimento de 2,5% em comparação com o trimestre anterior, de acordo com o Banco Central do Uruguai. No entanto, setores base, como construção e indústria manufatureira, não podem ser englobados nessa estatística.

As decisões dentro do Mercosul são tomadas por meio da política do consenso, e os uruguaio têm se sentido em segundo plano no que tange às reivindicações no bloco, o que obrigou Tabaré Vazquez a negociar convênios de intercâmbio com os Estados Unidos, os quais colocaram o país de costas para o Mercosul. Os piores anos foram 1999 e 2000, quando se deu a crise do Plano Real. “Eles se sentiram muito desprestigiados. Quando entrou o Vazquez em 2005, pensou-se que ele iria aprofundar o Mercosul, de braços dados com o governo brasileiro, mas não foi o que ele fez”, relembra André Reis da Silva.

O então presidente decidiu negociar diretamente com os norte-americanos por meio de um tratado de livre comércio, o que ameaçou a unidade do bloco. Entretanto, o professor de Relações Internacionais defende que Mujica retoma a questão estratégica, política do Mercosul. “Mesmo que economicamente o país possa ter problemas, o que importa é a questão maior, de inserção regional.” Os esforços integracionistas são um sentimento enraizado na doutrina da Frente Ampla e em alguns setores da oposição, como lembra Padrós: “Apesar das críticas aos parceiros gigantes – o tema “papeleiras” com a Argentina e as questões comerciais e tarifárias com o Brasil – Mujica sinaliza com determinação: com o Mercosul ‘até que a morte nos separe!’”.

“Agricultor y campesino del alma” – As palavras de Pepe Mujica revelam uma personalidade simples, moldada por uma trajetória política de lutas e reivindicações.

Para Francisco Eduardo Alqueraz, comerciante uruguaio residente no Brasil há 21 anos, “Mujica representa o que tem de mais uruguaio dentro de nossa terra. É uma pessoa extremamente simples que fala como o povo, é sincero em seu pensamento”. Ele faz parte do comitê de Base da Frente Ampla em Porto Alegre e diz que, se questionado 15 anos atrás, não acreditaria na posse de alguém como Mujica, pois não havia estruturas para se governar. “A equipe de governo e o próprio Pepe estão mais preparados. Ele se tornou um político habilidoso, que sabe negociar com todos os setores, de campesinos a empresários. Quem foi capaz de derrubar a ditadura deve ser capaz de manter a democracia”, defende. O professor Rojo caracteriza o novo presidente como uma figura carismática, que lança mão de improvisos e peculiaridades verbais, dosados inteligentemente.

Mesmo com um passado de lutas, marchas e gritos, Pepe Mujica deve governar o Uruguai sustentado pelas ideias de valorização do papel do Estado associado ao desempenho da iniciativa privada.

Maria Elisa Lisbôa, estudante do 8.º semestre de Jornalismo da Fabrice



Pepe Mujica é uma figura carismática que lança mão de improvisos e peculiaridades verbais

A Suíça latino-americana

Assim o Uruguai era conhecido durante a primeira metade do século XX. A estabilidade política e econômica e os elevados níveis sociais, somava-se a produção agropecuária interna, beneficiada pela conjuntura internacional favorável para o setor. Mas o contexto ideológico do pós Guerra Fria e a desaceleração da indústria levantaram maus ventos. Em 1962, os Tupamaros marcharam pela primeira vez a Montevideu, defendendo os interesses dos agricultores canavieiros. Os militares tomaram o poder em 1973, no governo de Juan María Bordaberry (1972-1976) e ali se

mantiveram até 1985. Dois anos antes do golpe, uma reunião de comunistas, social-democratas e democratas-cristãos concretizou a fundação da Frente Ampla, que tinha como princípios sepultar o bipartidarismo de Blancos e Colorados e enfrentar a onda autoritária da época. Desde então, a coalizão frenteamplista vem sofrendo alterações em termos de expansão eleitoral e organizacional (por meio de alianças com partidos de centro-esquerda e grupos progressistas) e de moderação no seu programa de estratégias.

Para o professor de História da UFRGS, Enrique Padrós, a eleição de um ex-dirigente guerrilheiro e refém da ditadura como presidente permite muitas leituras e simbolismos. “Por um lado, atesta o grau de consolidação da democracia e o amadurecimento de uma sociedade que sofreu 12 anos de regime militar e, posteriormente, a avalanche neoliberal (enfrentada com certo sucesso no Uruguai). Entretanto é necessário sublinhar: os tempos são outros e aquele movimento guerrilheiro virou expressiva força política que se adequou aos preceitos constitucionais”, conclui.



Pesquisa

Projeto investiga tocas de animais pré-históricas encontradas no interior gaúcho

As descobertas do homem-tatu

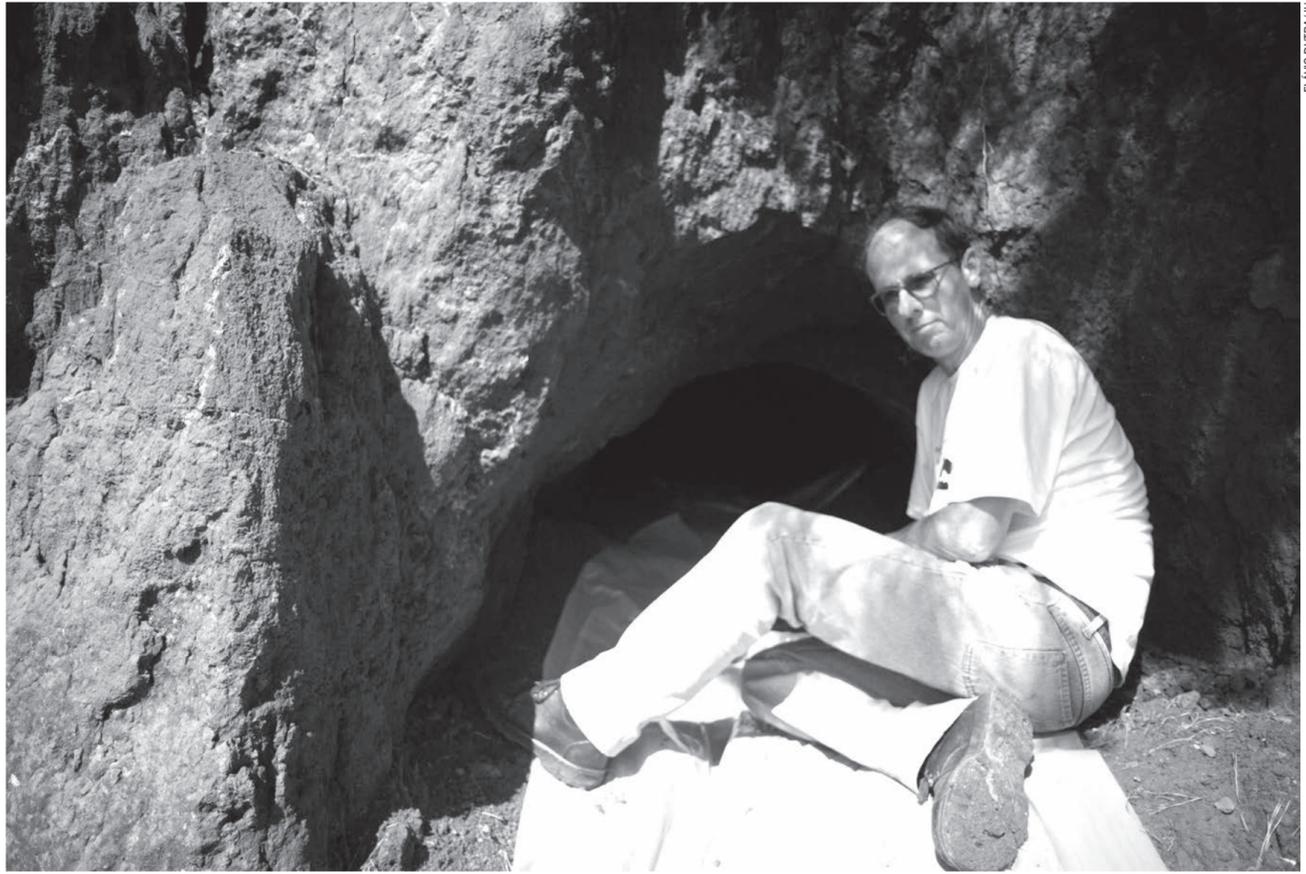
Caroline da Silva

Uma manhã em Novo Hamburgo e Estância Velha com repórter e fotógrafo foi o bastante para dar a ideia de que um pesquisador enfrenta em uma investigação pioneira. O professor do Departamento de Mineralogia e Petrologia do Instituto de Geociências da UFRGS Heinrich Frank está há cerca de um ano “viciado em olhar barrancos”. A explicação é simples: somente onde há uma coxilha escavada é que pode ser encontrada uma paleotoca – novo objeto de estudo do geólogo.

Definição – Paleotocas são túneis cavados por animais extintos que viviam parcialmente nesses abrigos subterrâneos. Quando esses túneis são encontrados totalmente preenchidos pela lama de enxurradas de chuva sedimentada ao longo de milhares de anos recebem o nome de crotovinas. O prefixo paleo se refere ao fato de que os bichos responsáveis por essas estruturas viveram por aqui em uma época que ainda não pode ser precisada, bem como a sua espécie. “Temos duas opções, grosso modo: tatus gigantes, como o *Proptraopus* ou *Eutatus*. E também temos as preguiças-gigantes, das quais há uma série de espécies de tamanhos diferentes”, informa o professor. A hipótese da preguiça depende de um material encontrado e documentado na Argentina. “Os argentinos dizem que pode ser uma preguiça-gigante, mas não há túneis. Os poucos túneis achados já foram destruídos. Mas eles afirmam com convicção que, em alguns casos, encontraram sempre duas marcas paralelas, o que é indicativo de preguiça. Aqui estamos achando três marcas paralelas, que deve ser provavelmente de tatu.”

Existe ainda um outro problema: nada garante que a marca de garra é realmente do animal que escavou a toca. “Na Flórida, vive uma tartaruga que cava túneis de uns 10 metros de comprimento. Já encontraram trezentas e poucas espécies diferentes de animais lá dentro: aves, répteis, mamíferos, insetos.” A chamada reocupação de toca é uma das preocupações de Frank. “Na África, existe um bicho chamado porco-da-terra que também escava túneis. Porém, crocodilos e cobras píton costumam ocupar as tocas desse animal depois que ele as abandona.”

Obstáculos – A prova científica virá de análises de marcas em muitas ocorrências de túneis, aliadas à comparação com os fósseis dos animais. Embora no período de um ano tenham sido registradas incidências de 25 paleotocas, essa região não tem rochas propícias à fossilização. Ademais, os locais são úmidos. Como no inverno choveu muito, mesmo quando a reportagem



O professor Heinrich Frank na entrada de uma paleotoca situada à beira da BR 116, no município de Novo Hamburgo

visitou as tocas, em dezembro ainda corria água por dentro dos túneis.

“Teríamos de achar uma toca com algo dentro, de preferência um esqueleto articulado, ou seja, algo que não possa ser um osso que um cachorro levou lá pra dentro, mas de um bicho que morreu ali. E tem que ser o esqueleto de um animal potencialmente escavador”, conta o professor.

Toda essa persistência é louvável. Não bastasse ter de ficar coberto de barro da cabeça aos pés, enfrentar a claustrofobia para entrar nos túneis com equipamento de escafandro, com mangueiras de lona e tubos de oxigênio, condições exteriores ainda atrapalham o andamento dos trabalhos, além da própria chuva. Para chegar aos barrancos escavados, situados em propriedades particulares, é preciso conscientizar os donos da relevância da pesquisa e aprender a lidar com seus cães de guarda. Ou então aguentar o mau cheiro do lixo da Central de Triagem e Compostagem de Resíduos Sólidos de Sapiranga (Cetrisa), onde há uma ocorrência de paleotoca.

Além disso, os procedimentos têm que ser rápidos. Da mesma maneira como se escava um paredão de um dia para o outro, ele pode ser concretado ligeiramente. “Me assusta um pouco

As paleotocas são túneis cavados por animais extintos que viviam parcialmente em abrigos subterrâneos

a rápida destruição dessas coisas. Precisamos organizar uma rede de pessoas que saiba do assunto para detectar novas paleotocas”, alerta Frank, sempre pregando uma divulgação do assunto.

Ineditismo – “Entrei em um fórum de espeleólogos [estudiosos de cavernas] alemães e coloquei perguntas e uma foto de uma paleotoca, mas ninguém ouviu falar. Tive de criar um termo em alemão. Eles têm lá aquelas tocas de raposa (em inglês, fox den). Em alemão, toca é bau. Então chamei de paleobau.”

O professor também contactou um arqueólogo alemão, especializado em coisas estranhas feitas por seres humanos nos diferentes continentes. “Ele já

entrou em mais de 1.500 escavações antropogênicas (resultantes da ação do homem). Depois de ver as marcas de garras daqui, garantiu que foram feitas por animais e disse nunca ter visto nada igual antes. Ou seja, é um assunto só nosso”, constata o pesquisador.

Projeto multidisciplinar – A pesquisa dessas estruturas envolve profissionais de diversas áreas: Geografia (formas de relevo), Geologia (formações geológicas), Paleontologia (para saber da ascendência) e Biologia (para ver os animais recentes). “Nesse projeto temos oceanógrafos, geólogos, geógrafos, biólogos, arqueólogos”, afirma.

Recentemente, foi realizada uma coleta de fungos no interior de uma das paleotocas encontradas à beira da BR-116 e outra no bairro Rincão (Novo Hamburgo). A partir de um contato com Augusto Schrank, do Laboratório de Biologia Molecular de Fungos Filamentosos do Centro de Biotecnologia da UFRGS, houve interesse em fazer uma análise do material. Mas ainda não foram divulgados resultados que possam gerar novas ações.

Quem já estava trabalhando nesse tema é o professor Francisco Buchmann, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), com alguns artigos

publicados. Autor de um estudo apresentado na 24.ª Jornada Argentina de Paleontologia de Vertebrados, em Mendoza, em maio de 2009, Buchmann acredita que os túneis podem revelar o comportamento desses animais e o ambiente em que viviam.

O que tem espantado os pesquisadores é a grande quantidade dessas tocas na região gaúcha dos Sinos, e a intenção é continuar descobrindo novos túneis. “Por enquanto, estamos lidando com isso em uma conjugação de esforços em nível informal”, conta Frank, que falou do objetivo de Buchmann encaminhar um projeto à FAPESP, fundação paulista de apoio à pesquisa.

Outra questão envolve a paleoecologia: o que levaria um animal a cavar um túnel de 100 m? Só essa ciência pode responder que tipo de predador obrigaria um tatu gigante a fazer abrigos subterrâneos tão complexos. “Se a toca do porco-da-terra na África (continente habitado por leões e cobras píton) tem no máximo 13 m, porque o bichinho aqui fazia túneis de 40, 50, 60 m? Para que tanto trabalho? Não sabemos, para isso temos que achar mais túneis.” Frank diz que o próximo passo é tentar definir uma idade dos animais e seu organismo escavador.

Informação como aliada

O projeto conta com uma ferramenta que tem se mostrado útil na busca de novas estruturas. É o Toca News, boletim informativo mensal das pesquisas de paleotocas na região metropolitana de Porto Alegre. O material é esclarecedor sobre o que pode ser identificado como um túnel escavado por animal extinto e notícia a investigação do que pode se configurar em uma nova descoberta.

Segundo o professor Heinrich Frank, a ideia é manter uma rede de simpatizantes e informantes,

sem os quais, muitas vezes, não existe possibilidade de encontrar esses túneis. “Grande parte dos envolvidos no trabalho não têm Internet, são colonos. Então, tu imprimes e levas o papel e eles se sentem lisonjeados. Eles sabem que a informação que passaram está servindo para algo importante.”

Para reconhecer padrões e chegar a inferências na pesquisa, o projeto precisa encontrar mais paleotocas, e “isso só com divulgação”, conclui o

docente da UFRGS. Esse tipo de investigação requer acordos com loteadores e a colaboração dos donos dos terrenos onde já existem edificações. Em frente a uma paleotoca na beira da BR 116, junto a uma oficina localizada atrás de um bar, ele mostra um tanque de concreto que envolve a entrada para o túnel. “Vamos colocar uma tampa com alçapão. Essa está protegida. Quando tem proprietário, ele ajuda a preservar. Todo mundo entende a importância, assim vamos ter essa

estrutura preservada por mais 10 anos.” Esse cuidado é relevante porque como o trabalho é inédito, a coleta de informações pode ser necessária por até 2 anos depois da descoberta.

O Toca News já está em sua nona edição. Para pedir o envio do boletim, saber detalhes do projeto ou comunicar alguma ocorrência, é só entrar em contato com o pesquisador pelo e-mail paleotocas@gmail.com ou pelo telefone 9166-5063.



Vamos bater lata!

Unimúsica 2010
Projeto estreia em novo horário, explorando o universo dos percussionistas

Ânia Chala

O título acima traduz a proposta deste ano do projeto Unimúsica do departamento de Difusão Cultural da Pró-reitoria de Extensão da Universidade. A ideia é mostrar a música percussiva em suas mais diversas formas. A coordenadora do projeto, Lígia Petrucci, explica que a programação também propõe uma brincadeira com os formatos, pois as apresentações começam com uma formação de 10 músicos em cena, o grupo Barbatuques, e seguem em ordem decrescente até chegar a um show solo, no espetáculo de encerramento no mês de dezembro com o percussionista Naná Vasconcelos.

“Sem a pretensão de esgotar todas as possibilidades, queremos abrir ao máximo possível o leque da percussão no Brasil. Por isso teremos atrações como o Trio Manari, de Belém do Pará, e os Tambores de Minas, de Minas Gerais, além de Naná Vasconcelos, percussionista de renome internacional cuja música está enraizada no folclore pernambucano”, revela a coordenadora.

A exemplo de outras edições, o Unimúsica vai manter a tradição de dar espaço a artistas da região do Prata: em junho, o músico argentino Santiago Vazquez fará um espetáculo utilizando um método que ele mesmo criou, no qual os artistas improvisam no palco a partir de senhas; em setembro, o pianista e compositor uruguaio Hugo Fattoruso, apaixonado pelo candombe (ritmo popular proveniente da África e incorporado à música e ao carnaval do Uruguai) se apresenta junto com o trio de percussão Rey Tambor.

Todas as gerações – Lígia diz que o Unimúsica aposta sempre na diversidade, misturando nomes jovens aos mais experientes. “Mas, às vezes, acho



Grupo de percussão corporal Barbatuques abriu a temporada de shows e oficinas no Salão de Atos da UFRGS

que o projeto acaba se pautando por essa questão geracional, como ocorreu em 2009, quando destacamos os novos cancionistas. Neste ano, isso também vai aparecer. Por exemplo, temos o trabalho dos percussionistas gaúchos Fernando do Ó, Giba Giba e Giovanni Berti, três músicos experientes e excepcionais. Eles irão expandir o espetáculo que já vêm fazendo há um tempo ao lado de Geraldo Flach e Marcelinho da Cuíca e que não possui um registro em disco. A música tem hoje essas surpresas: de repente descobrimos trabalhos fantásticos que estão ausentes do mercado fonográfico”, argumenta. Por outro lado, ela acrescenta que as novas mídias permitem a rápida circulação das obras de jovens músicos.

A coordenadora conta que uma das melhores coisas do projeto é o momento de discutir a programação. “Claro que dá uma dor de cabeça danada fechar a série de shows, fazendo com que ela seja coerente e surpreenda o público. E esse é o nosso desafio. Por isso, os encontros do conselho consultivo do Unimúsica

constituem um espaço de entendimento e também de confronto.” Fazem parte desse grupo os professores Luís Augusto Fischer, do Instituto de Letras, Luciana Del Ben e Luciana Prass, do Instituto de Artes, o jornalista Juarez Fonseca, o músico Artur de Faria, o programador cultural do Instituto de Artes, José Carlos Azevedo, e a mestrandia Ana Laura Colombo de Freitas.

Novidades – Em 2010, a principal novidade é a mudança no horário dos espetáculos e oficinas, que irão ocorrer às 20h. A troca foi motivada, em primeiro lugar, pelos problemas no trânsito da cidade. “Percebemos que o público estava chegando mais tarde aos espetáculos, pois havia muita diferença entre o número de pessoas no início e no final de cada show. Quando olhávamos a plateia no começo das apresentações levávamos um susto, mas ao final vimos que o Salão estava quase lotado. Além disso, a Secretaria Municipal de Educação (SMED) já vinha solicitando há alguns anos a alteração no horário,

a fim de que os estudantes das escolas noturnas pudessem participar. Finalmente, decidimos mudar também por questões de produção, já que muitos músicos chegam a Porto Alegre no dia dos espetáculos, e isso reduz a disponibilidade de tempo para ensaios e entrevistas à imprensa”, esclarece Lígia.

Na véspera das apresentações haverá oficinas com os grupos convidados. Essas atividades, com inscrições gratuitas e vagas limitadas, são abertas ao público, abrangendo desde gente que nunca teve a oportunidade de experimentar um instrumento até estudantes e músicos profissionais. A oficina do grupo Barbatuques, por exemplo, esgotou suas vagas logo nos primeiros dias deste mês.

Vale lembrar ao público que os ingressos para os espetáculos começam a ser distribuídos na segunda-feira que antecede cada show, na bilheteria do Salão de Atos (Av. Paulo Gama, 110), mediante a doação de um quilo de alimento não perecível. Mais informações no site www.difusao cultural.com.br ou pelo telefone 3308-3933.

Calendário de shows

1.º de abril

Ney Rosauro + Sandro Cartier + Grupo de Percussão da Fac/Upf

6 de maio

Tumtum Tum + Tambores de Minas

3 de junho

Santiago Vazquez + Músicos Convidados

1.º de julho

Ari Colares + Zezinho Pitoco + Sérgio Reze + Caíto Marcondes + Adolfo Almeida Jr. + Dimos Goudaroulis

5 de agosto

Fernando do Ó, Giba Giba, Giovanni Berti + Geraldo Flach + Marcelinho da Cuíca

2 de setembro

Hugo Fattoruso + Rey Tambor

7 de outubro

Trio Manari

4 de novembro

Duo Ello

2 de dezembro

Naná Vasconcelos

JU indica



Trem Noturno para Lisboa

Pascal Mercier
Record, 2009, 2.ª edição,
462 págs.
R\$ 42 (valor médio)

O título deste romance, dado o seu grande sucesso entre os leitores europeus, ganhou ares de expressão idiomática, usada para designar mudanças de vida. Depois de impedir o suicídio de uma mulher portuguesa, Raimund Gregorius, professor de línguas clássicas em Berna, abandona intempestivamente a sala de aula, deixando para trás trinta anos de uma existência solitária e previsível. Fascinado pela sonoridade do idioma português, ele se depara com um exemplar de reflexões filosóficas escrito pelo médico Amadeu de Prado. Decide então investigar o autor, embarcando em uma viagem a Lisboa onde encontrará pessoas que ficaram marcadas por seu relacionamento com esse homem excepcional, médico,

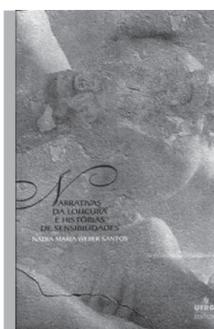
poeta e combatente da ditadura salazarista. Essa descoberta do outro acaba por ser uma descoberta de si próprio, na medida em que Gregorius se reconhece como a antítese de Prado, um homem inquieto, capaz de desafiar os pontos de vista ortodoxos. Ao refazer os passos do autor e aprender português, o prudente professor é impulsionado a mudar. Mas o que significa conhecer outra pessoa, compreender outra vida? O que significa para o conhecimento de nós mesmos? Definido pela crítica como uma epopeia multifacetada de uma viagem pela Europa e pelo nosso pensar e sentir, o livro envolve completamente o leitor com a força do inesperado. Tudo é previsível e de certa forma imprevisível; tudo aconteceria naturalmente e é improvável. (Ânia Chala)

Mundialização e Sociologia Crítica da América Latina

José Vicente Tavares dos Santos (org.)
Editora da UFRGS, 2009,
288 págs.
R\$ 30 (valor médio)



A obra reúne os trabalhos apresentados no XXV Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia, ocorrido em agosto de 2005, na UFRGS. O texto de Sérgio Adorno, “Desafios teóricos contemporâneos da Sociologia latino-americana”, salienta que, apesar dos investimentos em segurança pública, são muitas as dificuldades do poder público na tarefa de deter o monopólio estatal da violência. Apesar da transparência das decisões governamentais resultante do retorno à democracia, houve frustração no campo da justiça. Quando ficou claro que, em crimes contra a administração pública, as leis não seriam aplicadas do mesmo modo que o eram aos crimes comuns, restou a sensação de uma justiça conivente com o crescimento da criminalidade urbana. (Ânia Chala)



Narrativas da Loucura e História de Sensibilidades

Nádya Maria Weber Santos
Editora da UFRGS, 2008,
319 págs.
R\$ 40 (valor médio)

O exercício da autora não é apenas ir além do que propõe Foucault em A História da Loucura. Ela se dedica à expressão literária da dor dos rotulados loucos. A literatura se apresentou para Nádya Santos como um universo capaz de descortinar nuances da sensibilidade dos escritores e dos personagens acerca da loucura e das interações manicômias. O livro é fruto da tese de doutorado Histórias de sensibilidades: espaços e narrativas da loucura em três tempos; Brasil 1905/1920/1937. Os objetos são os romances No hospício, de Rocha Pombo, e Diário de hospício, de Lima Barreto, e as cartas de T.R., paciente do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Publicação relevante para as áreas de História Cultural, Psicologia Analítica e Literatura. (Caroline da Silva)



Livros

Os sebos resistem ao tempo se adaptando à era digital

Seja você fã de contos policiais, colecionador de obras raras ou apenas um estudante com pouca verba e muita bibliografia obrigatória, os sebos são ótima opção. Essas tradicionais lojas, geralmente localizadas nos centros das cidades, seduzem qualquer um com suas prateleiras empoeiradas. Nelas, muitos exemplares usados podem ser encontrados custando até a metade do que se fossem novos. Além disso, são a melhor saída para quem procura edições que estão fora de catálogo. Alguns podem se intimidar pelo aspecto labiríntico dos sebos, mas quem mergulha neles sabe que seus corredores guardam tesouros sem preço.

Não se tem certeza de onde ou quando surgiu essa atividade comercial, porém o Guia dos Sebos do Brasil, de Jorge Brito, afirma que os primeiros registros apontam para a Europa do século XVI. Nessa época, a prensa de Gutenberg já existia há cem anos e o barateamento que ela trouxe à produção das obras foi fundamental para que os livros deixassem de ser artigos exclusivos da nobreza. Há pouca pesquisa sobre o tema, mas se estima que esse comércio tenha começado no Brasil por volta do século XVII, impulsionado pela dificuldade de importar edições europeias. Hoje, são os sebos brasileiros que vendem aos outros países através da Internet.

Tradição e qualidade – Existe uma controvérsia etimológica em relação ao termo 'sebo'. Uns acreditam que ele esteja relacionado ao fato de que as pessoas liam à luz de velas antes de haver eletricidade nas casas. Essa iluminação costumava ser à base de materiais gordurosos, e os leitores acabavam por deixar as páginas dos livros completamente enebadas. Outros dizem que ele está ligado ao hábito dos alunos da Universidade de Coimbra de fazer

cópias de seus estudos em litografias, chamadas de sebentas. Uma terceira tese afirma que a expressão é fruto de uma série de derivações da palavra 'sapiante'. É compreensível, pois tudo que é antigo está sujeito a múltiplas versões sobre sua origem.

Mas, de onde quer que o nome tenha vindo, sebos registrados como tais só começaram a existir em Porto Alegre no início do século XX. A loja mais antiga em funcionamento na cidade é a Livraria Aurora, fundada em 1956 por Sétimo Luizelli. Após seu falecimento, quem herdou a administração do local foi o filho Eduardo, que conta como tudo começou: "Em 1955, meu pai era representante de três editoras do Rio de Janeiro: Aurora, Francisco Alves e À Noite. Ele era apaixonado por livros e, no final daquele ano, decidiu comprar um bazar na rua Marechal Floriano para vender obras usadas. Ali foi inaugurada a Livraria Aurora, atualmente a única fundadora da Feira do Livro de Porto Alegre que ainda participa de todas as edições do evento".

Em 53 anos de trabalho, o sebo acumulou um acervo que ocupa quatro andares do prédio onde funciona, mas o espaço é insuficiente. Por conta disso, muitas obras acabam sendo empilhadas até mesmo entre as prateleiras da loja. "Antes, a gente anunciava compra de livros, mas, de uns tempos para cá, fomos obrigados a parar simplesmente porque não temos mais lugar para guardar", confessa o livreiro.

Nesse grande banquete às traças, jazem inúmeras raridades. "São prateleiras de obras muito antigas, editadas por pouco tempo ou cujas edições são difíceis de serem encontradas. Por exemplo, temos muita coisa dos séculos XVII, XVIII e XIX. A obra mais velha da casa é 'Uma História da Antiguidade', do historiador romano Flávio Josefo, editada em latim em 1581", afirma Eduardo Luizelli.

Empreender sempre – Carmen Menezes também tem suas gemas literárias. Livreira desde 1986, a dona do sebo físico e virtual Traça reúne em seu depósito preciosidades para todos os gostos. "Temos edições desde o século XVI, algumas raríssimas.

Um homem de visão

Era 2004: o carioca André Garcia havia abandonado uma carreira de dez anos voltada à área de marketing e estava se dedicando a um mestrado em Psicologia Social. Na busca pelas leituras obrigatórias para a empreitada lhe sugeriram ir a sebos, o que não costumava fazer. "Quando fui, achei muito trabalhoso. Algumas lojas estavam mal organizadas e, no final das contas, continuei sem encontrar o que queria", conta. Resolveu então procurar na Internet e viu que poucas livrarias disponibilizavam seus acervos digitalmente.

Foi aí que ele teve o lampejo que mudaria sua vida. Criou um portal virtual de sebos que reunia vários livreiros e no qual o cliente pode pesquisar qualquer obra com facilidade. "A ideia comercial me veio fácil, mas tive de aprender a programar um site do zero para realizar o projeto sem depender de investidores", revela André. Em 2005, nascia a Estante Virtual.

O site funciona oferecendo seis planos de serviço. Para até duzentos livros não há mensalidade e é cobrado apenas 5% do valor da peça vendida. A partir daí, a cada plano aumenta a capacidade de armazenamento de títulos e o valor pago por mês. A maior modalidade suporta 60.000 obras e custa R\$ 132 mensais. "Os donos das livrarias adoraram desde o início, mas as vendas começaram baixas. A aceitação do público só veio depois de nove meses", afirma o empresário.

Antes de completar cinco anos, o site já é um sucesso. Mais de 1.600 lojas em 300 cidades de todo o Brasil. No total, são mais de 23 milhões de volumes oferecidos ao cliente. Segundo André, cinco mil livros em média são comprados diariamente pela Estante Virtual, gerando uma renda mensal de R\$ 3 milhões. Nada mal para uma empresa que possui apenas cinco funcionários.

Muita gente procura primeiras edições e nós temos várias, como a do 'Contos Gauchescos' do Simões Lopes Neto e uma do poema 'Antonio Chimango' que pertenceu ao escritor gaúcho Manoelito de Ornellas. Além disso, temos uma 'Mensagem ao Congresso Nacional' de 1951 autografada pelo então presidente Getúlio Vargas e alguns livros com dedicatórias a Leonel Brizola. Dispomos também de um grande número de missais antigos, muito procurados por colecionadores."

Em 1998, Carmen já administrava uma livraria na Oswaldo Aranha, mas queria ampliar seu negócio. Suas alternativas: abrir uma filial, mudar-se para um local maior ou começar a fazer vendas on-line. "Para mim seria um trauma sair do lugar onde eu já estava há tempo, então a terceira opção me pareceu mais interessante. Assim poderia vender a um número maior de pessoas", aponta.

O problema é que a Internet estava apenas começando a se popularizar por aqui. "A construção do site foi bem complicada porque não havia tecnologia para fazer como eu tinha planejado. Tivemos de criar um software para cadastrar os volumes e desenvolver o e-commerce, que é o que possibilita uma compra totalmente segura pelo computador. Mas o mais difícil foi conseguir manter o acervo atualizado em tempo real, isso só foi resolvido em 2004. Sem falar que as empresas que iniciaram o site quebraram, desapareceram, se fundiram", conta.

Desde de 2000, quando finalmente foi ao ar, o projeto cresceu muito. Nessa primeira década de vida, a Traça se tornou uma das maiores livrarias virtuais de usados do país. "O site é muito bem conceituado. Temos clientes fidelíssimos no Brasil todo, alguns até ilustres, como o Jô Soares. No momento, nosso acervo tem em torno de 130 mil peças e nós vendemos para todos os estados brasileiros e para a Espanha, Portugal, França, Estados Unidos, Japão, China, Rússia e alguns países da África", garante a livreira.

Tempos modernos – Obviamente, isso só é possível graças à Internet. Carmen acredita que a tecnologia ajuda seu mercado e também muitos leitores. "De

"A Internet está alavancando a criação de sebos físicos, e não os substituindo",

André Garcia

certa forma, democratiza ao permitir que pessoas do interior consigam livros que não são vendidos em suas cidades. Localidades mais afastadas não possuem nem livrarias tradicionais, que dirá sebos. E também porque a concorrência causada pela possibilidade de se pesquisar em várias lojas com o computador fez baixar o valor dos produtos". Eduardo Luizelli concorda com sua colega: "A tecnologia provocou um leilão de preços: o freguês consegue encontrar o mesmo livro custando 10, 8 ou 5 reais".

No entanto, ele acredita que isso esteja reduzindo o número de pessoas que vão às livrarias buscar uma obra. "Hoje ninguém mais tem tempo de ir ao centro para garimpar livros, então o pessoal compra tudo sem sair de casa", afirma. O que se vê pelo exemplo de Carmen: "Depois que criei o site, mudou totalmente minha relação das vendas, agora a loja só corresponde a 10% da renda total da Traça."

André Garcia criou em 2005 o fenômeno de vendas Estante Virtual [ver retranca]. Ele acredita que, em vez de sufocar o comércio de rua, as livrarias digitais difundem o costume de buscar livros em sebos: "A Internet está alavancando a criação de sebos físicos e não os substituindo. Nós monitoramos esse mercado no Brasil e o que se observa é que a quantidade de sebos virtuais que abrem lojas físicas é maior do que a quantidade de sebos de rua que se tornam apenas virtuais". É a atividade ancestral dos alfarrabistas se adequando a um mundo cada vez mais on-line e, assim, garantindo sua sobrevivência.

Ariel Fagundes, estudante do 5.º semestre do curso de Jornalismo da Fabco



FLAVIO DUTRA/JU

DESTAQUE

Cultura no Câmpus

Vale Doze e Trinta

Projeto oferece música, cinema e oficinas nos intervalos de almoço

O departamento de Difusão Cultural (DDC) da Pró-reitoria de Extensão anuncia a ampliação do projeto Vale Doze e Trinta, retomado em 2009 depois de seis anos de interrupção. Segundo a coordenadora, Juliana Gonçalves Mota, a proposta é ampliar o trabalho iniciado no ano passado, mobilizando ainda mais a comunidade que frequenta o Câmpus do Vale.

No dia 16 deste mês, haverá um show com o músico gaúcho Tonho Crocco, ex-integrante da banda Ultramen, na praça central do Câmpus, ao lado do Bar do Antônio (em caso de chuva, o show será transferido para o dia seguinte). O espetáculo marca o lançamento do edital para a seleção das bandas que irão se apresentar ao longo do segundo semestre. Uma comissão do próprio DDC irá pré-selecionar dez bandas e o público deverá votar nas cinco bandas que deseja ouvir. A votação será feita pelo site www.difusaocultural.ufrgs.br, e os shows ocorrerão de junho a novembro, no horário das 12h30min.

Juliana esclarece que neste ano também os técnicos e professores poderão inscrever suas bandas. Basta que o grupo tenha pelo menos um dos integrantes vinculado à UFRGS.

“Sabendo da falta de espaços de lazer e convívio no Vale, procuramos nos adaptar à estrutura existente. As sessões de cinema mensais ocorrerão no auditório do Instituto Latino-americano de Estudos Avançados (ILEA). A sessão de estreia, no dia 25 de março, traz uma novidade: o público deverá escolher entre três filmes de animação, numa espécie de sessão interativa”, explica a coordenadora.

Os ciclos têm a curadoria da estudante da Fabio Júlia Bertolucci, e a temática “Animações para adultos” apresenta três filmes dentre os quais o público poderá escolher votando pelo site do DDC, no período de 16 a 22 de março. As opções são: Persépolis, Valsa com Bashir e As bicicletas de Belleville.

A partir de abril, o projeto também oferecerá oficinas criativas. “A primeira delas



O músico gaúcho Tonho Crocco faz show de abertura do projeto em 16 de março

será de toy-arte em que os participantes poderão customizar bonecos, orientados por artistas da própria UFRGS. Ainda estamos procurando um lugar adequado para essas atividades”, diz Juliana. Em 2009, uma pesquisa entre os frequentadores do Câmpus revelou que a fotografia e a customização de roupas são dois dos temas que os alunos gostariam de ver abordados em oficinas.

O Vale Doze e Trinta será realizado de março a junho e de agosto a novembro, sempre com entrada franca. Mais informações pelo telefone 3308-3933.

CINEMA

Granulações do cotidiano

Ciclo organizado pela Sala Redenção com filme que de formas diferentes questionam a vida presente e o sentido que damos aquilo que vivemos. Apoio do Centro de Entretenimento E o vídeo Levou. Todas as sessões têm entrada franca.

DEPOIS DA VIDA (Japão, 1998, 118 min.), de Hirokazu Kore-eda. Em um ponto qualquer entre o céu e a terra, pessoas mortas recentemente são apresentadas aos seus guias, que irão ajudá-las a vasculhar suas memórias em busca de um momento determinado de suas vidas, um marco em suas existências. Sessões: 17 de março, às 19h; 18 de março, às 16h

OS AMANTES DO CÍRCULO POLAR



(Espanha, 1998, 113 min.), de Julio Medem. O destino atormentado de um casal que se apaixona aos oito anos de idade, mas vê seu amor se complicar no momento em que seus pais se casam. Sessões: 18 de março, às 19h; 19 de março, às 16h

LEMON TREE (Israel, França, Alemanha, 2008, 106 min.), de Eran Riklis. Viúva Palestina vê sua plantação de limões ser ameaçada quando seu novo vizinho, o Ministro de Defesa de Israel, se muda para a casa ao lado. Sessões: 19 de março, às 19h; 22 de março às 16h

SEM MEDO DE VIVER (EUA, 1993, 121 min.), de Peter Weir. Homem que sobrevive a um acidente aéreo tem seu comportamento afetado pela experiência. Na tentativa de fazê-lo superar o trauma, seu psiquiatra o coloca em contato com outra sobrevivente, que perdeu seu bebê no mesmo acidente. Sessões: 22 de março, às 19h; 23 de março às 16h

BENJAMIN (Brasil, 2003, 110min.), de Monique Gardenberg. Veterano e esquedo modelo publicitário encontra jovem de espantosa semelhança com o grande amor de seu passado e revive as delícias e horrores da paixão. Sessões: 23 de março, às 19h; 24 de março, às 16h

AS COISAS SIMPLES DA VIDA (Japão, 2000, 173min.), de Edward Yang. Pai de uma típica família de classe média japonesa tem sua rotina sacudida pela crise em sua empresa e pelo reencontro com seu primeiro amor. Sessão: 25 de março, às 16h

DESEJO E REPARAÇÃO



(Inglaterra, 2007, 130min.), de Joe Wright. Antes da Segunda Guerra Mundial, adolescente e escritora principiante acusa o filho do caseiro e amante da sua irmã mais velha de um crime que ele não cometeu. O remorso a levará a buscar reparar seu erro. Sessões: 25 de março, às 19h; 26 de março, às 16h

A VIDA SECRETA DAS PALAVRAS (Espanha, 2005, 115min.), de Isabela Coixet. Mulher introvertida e solitária passa as férias num povoado costeiro, em frente a uma plataforma petrolífera. Um incidente faz com que ela permaneça alguns dias na plataforma cuidando de um dos trabalhadores, vítima de queimaduras que o deixaram cego temporariamente.

Sessões: 26 de março, às 19h; 29 de março, às 16h

VOLVER (Espanha, 2006, 121 min.), de Pedro Almodóvar. Jovem mãe que acumula vários empregos para sustentar a família tenta proteger a filha adolescente, depois que a jovem mata o pai que abusava dela sexualmente. Sessões: 29 de março, às 19h; 30 de março, às 16h

21 GRAMAS



(EUA, 2003, 125 min.), de Alejandro González Iñárritu. Três pessoas têm seus destinos cruzados em função de um acidente. A partir dele serão testados os limites do amor e da vingança, assim como a promessa de redenção. Sessões: 30 de março, às 19h; 31 de março, às 16h

O FEITIÇO DO TEMPO



(EUA, 1993, 97 min.), de Harold Ramis. Apresentador de boletim meteorológico mal-humorado viaja com sua equipe a uma cidade interiorana para cobrir a história de uma marmota capaz de prever o tempo. Entediado, ele não esconde o seu desagrado, até que ocorre um fato inusitado. Sessão: 31 de março, às 19h

“U.S.A. não abusa!” Os Estados Unidos da América em Tempos de Guerra

Projeto de extensão que exibirá treze filmes de produção e direção norte-americanas, abordando a história dos Estados Unidos por meio de seu envolvimento em conflitos bélicos, desde o processo de independência, passando pela consolidação nacional e pela busca de hegemonia internacional. As sessões serão seguidas de palestras com convidados. Inscrições nos dias 18 e 19 de março, a partir das 17h30min, na Sala Redenção. Valor da inscrição com direito a certificado de conclusão: R\$ 15. Informações pelo e-mail cicloaueguerra@gmail.com. Coordenação: professor César Augusto Barcellos Guazzelli.

REVOLUÇÃO (EUA, Inglaterra, Noruega,



1985, 120 min.), de Hugh Hudson. 1.ª Jornada Guerra de Independência: das treze colônias aos Estados Unidos da América. Cidadão americano do século 17 é colhido pela turbulência da Guerra da Independência Americana (1775-1783), quando seu filho é convocado a lutar contra a Inglaterra. Conferencista convidado: Leandro Karnal (Unicamp). Sessão: 20 de março, às 15h30min. Ingresso: R\$ 3

ÁLAMO (EUA, 1960, 140 min.), de John Wayne. 2.ª Jornada Guerra da Independência outra vez: a república da estrela solitária. Em 1836, um grupo de 180 soldados defende bravamente o forte Álamo, no Texas, da investida do exército mexicano. Debatedores: Cesar Guazzelli e Arthur Lima de Avila. Sessão: 27 de março, às 15h30min. Ingresso: R\$ 3

TEMPO DE GLÓRIA (EUA, 1989, 110 min.), de Edward Zwick. 3.ª Jornada – Guerra da Secessão: a União contra a Confederação. Jovem soldado inexperiente, mas de influente família, recebe a missão de comandar o primeiro batalhão composto exclusivamente por soldados negros durante a Guerra Civil norte-americana. Debatedores: Leticia Ferreira Schneider e Arthur Lima de Avila. Sessão: 10 de abril (sábado), às 15h30min. Ingresso: R\$ 3



F.W. Murnau e Limite de Mário Peixoto: as discussões na revista O Fan



Palestra sobre a recepção dos filmes de F.W. Murnau na Revista O Fan (1928-30), órgão oficial do Chaplin Club, o primeiro cineclube oficial do Brasil. Na sequência, será exibido Limite (Brasil, 1931, 120min.), de Mário Peixoto, na versão parcialmente restaurada (DVD) apresentada em 2007 no Festival de Cannes como parte dos filmes selecionados para o World Cinema Foundation, entidade criada por Martin Scorsese que tem como objetivo a preservação, restauração e exibição de produções históricas, sobretudo da África, América, Ásia e Europa Central. Coordenação: professor Michael Korfmann. Local e horário: Sala Redenção, às 19h. Entrada franca

SPECIAL

Educação de Subjetividades Periféricas

Palestra com o professor grego Michalis Kontopodis, que irá abordar a educação de jovens e adultos marginalizados em termos de etnia, raça, classe e gênero. Kontopodis é pesquisador associado no Instituto de Etnologia Europeia da universidade de Humboldt, Berlim, e secretário da Sociedade Internacional para a Pesquisa Cultural e da Atividade. Data: 18 de março (quinta-feira). Local e horário: sala 601 da Faced, às 18h30min. Entrada franca. Informações pelo e-mail johannes.doll@ufrgs.br

ONDE?

Faculdade de Educação
Av. Paulo Gama, s/n.º
Fone: 3308-3120

Museu da UFRGS
Av. Osvaldo Aranha, 277
Fone: 3308-3390

Planetário
Av. Ipiranga, 2.000
Fone: 3308-5384

Sala Alziro Azevedo
Av. Salgado Filho, 340
Fone: 3308-4318

Sala Fahrion
Av. Paulo Gama, 110 - 2.º andar
Fone: 3308-3933

Sala Redenção
Rua Luiz Englert, s/n.º
Fone: 3308-3933

Saíão de Festas
Av. Paulo Gama, 110 - 2.º andar
Fone: 3308-4022

TEATRO

Na Solidão



Peça que abre a temporada 2010 do Teatro, Pesquisa e Extensão, projeto que realiza apresentações com entrada franca da produção de alunos do Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes. Espetáculo de teatro-dança baseado em obra do dramaturgo francês Bernard-Marie Koltés, Na Solidão fala sobre um mundo no qual a palavra comércio define as relações humanas. A produção tem orientação de Marta Isaacsson e Suzane Weber. Elenco: Giulio Lacorte e Leticia Paranhos. Sessões: 7, 14, 21 e 28 de abril (quartas-feiras). Local e horário: Sala Alziro Azevedo, às 12h30min e às 19h30min. Entrada franca

EXPOSIÇÃO

Noruega Polar, a Aventura Branca

Exposição itinerante que comemora o centenário da independência norueguesa. Painéis e vídeos mostram o que acontece nas regiões polares e como as pessoas vivem nesses ambientes. Visitação: até 31 de março

Local e horário: Saíão de Festas da reitoria, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h. Entrada franca



Em Casa, no Universo

Mostra que conta a história da Astronomia, destacando seu papel

PLANETÁRIO

no desenvolvimento da Física e da Matemática. O público tem acesso a aspectos históricos da ciência dos astros. Local e horário: Museu da UFRGS, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h. Agendamento de grupos pelos telefones 3308-3159 ou 3308-3390, ou pelo site www.museu.ufrgs.br. Entrada franca

Unifoto – Cancionistas por Andrew Sykes

Retomada do projeto do Departamento de Difusão Cultural da Prorext, que visa estabelecer uma interface entre o trabalho de fotógrafos com o público acadêmico. A mostra reúne imagens captadas pelo fotógrafo inglês Andrew Sykes nos shows do Unimúsica 2009 – Série cancionistas, que apresentou um panorama da canção brasileira atual. Período: 17 de março a 7 de abril. Visitação: Sala Fahrion da reitoria, de segunda a sexta-feira, das 10h às 18h. Entrada franca

O agendamento para escolas e grupos já está funcionando pelo fone 3308-5384 em horário comercial. Para o ingresso individual nas sessões de domingo é solicitada a doação de 1 kg de alimento não perecível. Depois de iniciada a sessão, não é permitida a entrada na sala de projeção.

SOU PARECIDO COM AS ESTRELAS

As estrelas têm sua própria cor, nomes estranhos e são consideradas jovens, mesmo que tenham milhares de anos. Duração: 50 min. Sessões: 21 e 28 de março (domingos), às 16h

A UM PASSO DE JÚPITER

A superfície marciana é a base de lançamento da nave-fantasia que leva os passageiros ao planeta Júpiter, o gigante do Sistema Solar. Duração: 36 min. Sessões: 21 e 28 de março (domingos), às 18h

Meu Lugar na UFRGS



FOTOS: FLÁVIO DUTRA

Entre livros e pessoas

Um discreto canto da Reitoria abriga a Biblioteca Central (BC) da UFRGS. Desde 2001, é lá que trabalha Maria Cristina Burger, a Cris. Ao longo de sua carreira, ela passou pela Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades (BSCSH), no Câmpus do Vale, e pela biblioteca do antigo Departamento de Psicologia. Mas a sua relação com a Universidade começou bem antes de tudo isso.

Em 1974, quando estudava na extinta Escola Técnica de Comércio, Cris já era bolsista do local. O setor no qual atuava mantinha um pequeno acervo de livros, e foi nessa época que ela teve o primeiro contato com seu futuro ofício. No entanto, "eu era muito jovem, não pensava em ser bibliotecária nem sabia direito o que fazia uma profissional dessa área", conta. Então, dois anos depois, Cris ingressou no curso de Direito da PUCRS.

Mas nunca interrompeu sua atividade na UFRGS. Em 1976, passou a trabalhar com um contrato emergencial na biblioteca da Faculdade de Educação, depois foi para os acervos de Psicologia e Filosofia da biblioteca das Ciências Humanas, que, na época, ficavam onde hoje funciona a Sala Redenção - Cinema Universitário. Era 1978 quando surgiu a oportunidade de fazer concurso para datilógrafa. Ela fez e passou, porém foi nomeada para atuar no extinto Departamento Nacional de Estradas e Rodagem.

E ficou para morrer: "Pedi para não assumir lá e eles não quiseram deixar. Aquilo me assustou muito, eu já atuava na Universidade e não queria sair daqui". Mas foi só susto, no fim deu tudo certo. "Falei com o setor de RH da UFRGS e vi que não era apenas eu que estava nessa situação. Como já existia vínculo com a instituição, felizmente, foi possível fazer a mudança."

Concluído o curso de Direito, Cris foi para a Fabico estudar o que já havia se tornado sua paixão, a Biblioteconomia. "Com o passar do tempo, me dei conta de que essa era uma área muito rica, na qual eu poderia desenvolver minhas potencialidades. Hoje, vejo que deveria ter tido maturidade para interromper o Direito e ter feito outro vestibular bem antes." Enquanto isso, ela foi aproveitando as possibilidades de ascensão funcional interna. De datilógrafa, Cris passou a assistente administrativa e,

depois, tendo seu primeiro diploma de nível superior, a técnica em assuntos educacionais. Quando finalizou o curso na Fabico, pôde tornar-se bibliotecária e realizar-se profissionalmente.

Em cada biblioteca por que já passou, Cris nutre um carinho especial. Mas confessa que a mais instigante era a do Vale. "Ao seu momento, todas foram especiais para mim, mas acho que a BSCSH foi onde melhor pude desenvolver meu potencial. Ali havia alunos e professores com diferentes exigências, então eu tinha que ser de tudo um pouco, correr para tudo que é lado. Me exigia um pique que era muito bom." Quem pensa que esse é um ofício entediante está muito enganado, "é muito dinâmico".

Mais tarde, na BC, Cris teve até que apartar brigas: "Havia oito computadores para acesso à Internet, e a cota por pessoa era de 30 minutos, aí um rapaz se irritou porque o outro excedeu o tempo e bateu nele. Mais de uma vez precisei chamar a segurança e fazer a identificação do usuário por problemas de brigas, em geral relacionadas ao uso da Internet, com pessoas da comunidade". As 33 bibliotecas da UFRGS são abertas ao público, porém a Central é a única em que a maior parte dos usuários não pertence à Universidade.

Lidar com isso nem sempre é fácil, mas cada obstáculo traz consigo um aprendizado. "Na BC, eu desenvolvi a sensibilidade necessária para auxiliar pessoas com dificuldades não só de entendimento, mas de cognição e até emocionais." E é justamente esse contato com o público o que mais encanta a bibliotecária. Gosta tanto de seu trabalho que, mesmo já podendo se aposentar, não o faz. "Até botei um teto para isso, 2012, mas não é nada definitivo. O barco está indo, e eu estou indo com ele", brinca Cris.

Ariel Fagundes, estudante do 6.º semestre de Jornalismo da Fabico

Esta coluna é resultado de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas de televisão com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET às segundas, terças, quintas e sextas-feiras, a partir das 21h30min.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil Psicologia na cabeça e no coração

Personalidade

Silvia Helena Koller declara seu amor à vida e à profissão

Com dois anos de idade, foi enfática ao responder à pergunta da mãe sobre o que queria ser quando crescesse. "Ela me questionou, e eu respondi: psicóloga." Silvia Helena Koller poderia fazer uma porção de outras coisas na vida, mas não abandonaria por nada a Psicologia, uma entre tantas de suas paixões. E paixões não lhe faltam, precisa delas "para se sentir viva". Nessa lista entram também sua família, seus estudantes, o Brasil, a Bélgica, seus 8 gatos (entre eles Marco Aurélio, que aparece na foto ao lado), livros, revistas científicas e as crianças.

"Fazer, mas fazer bem feito" – O eco dessa frase ouvida desde a infância da boca do pai influencia até hoje as tarefas de Silvia. Irmã mais velha, foi educada com o forte sentido da ética do trabalho. Também foi em casa, graças à tia, que aprendeu a ler e a escrever. "Ela treinava suas aulas comigo. Um dia ela se surpreendeu porque eu havia aprendido!" O mundo das letras Silvia descobriu aos três anos, e com ele veio a voracidade pelo saber. Na sua estante de trabalho, porém, há o mínimo de livros possível – e entre eles as revistas científicas: "Tenho aqui só o que necessito para as aulas". Ela defende que "lugar de livro é na biblioteca, é um bem público e não particular", assim como o conhecimento, que deve ser compartilhado, transmitido. "Fico inquieta se aprendo algo e não divido com alguém", afirma.

Esse tipo de inquietação foi o que a fez criar, em 1994, junto com outros professores do Instituto de Psicologia, o Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua (CEP-Rua). "Até então me sentia um pouco hipócrita com minhas pesquisas, porque entrevistava pessoas, coletava dados, ia a Congressos. Mas o que devolvia para elas?" Conta que a resposta veio durante o doutorado no Arizona, quando assistiu na televisão americana imagens de um massacre de crianças brasileiras. "Foram cenas horríveis. Ao ver aquilo percebi o que teria que estudar: mostrar que essas crianças são crianças como quaisquer outras", relata. O desafio foi lançado na volta ao Brasil, uma vez que o objetivo do trabalho era vincular as teorias da Psicologia à realidade das ruas. Atualmente existem vários núcleos de pesquisa e prestação de serviço em diferentes cidades do país inspirados no CEP-RUA. Em Novo Hamburgo, por exemplo, há um CEP-RUA que presta apoio a meninos e meninas vítimas de abuso sexual e recebe incentivo do Ministério da Saúde. "Trabalhamos com violência em todos os níveis, acompanhamos as famílias, procurando devolver às pessoas o que aprendemos sobre elas", explica Silvia.

Idealismo e experiência – Um ingrediente valioso desse tipo de trabalho, conforme a professora, é a transformação das pessoas. "Uma criança que se encoraja com o resultado de nosso trabalho, um idoso que consegue sair de uma circunstância de violência ou uma mulher que denuncia maus tratos. Isso basta e traz todo o sentido para a nossa



Lugar de livro é na biblioteca, é um bem público, assim como o conhecimento, que deve ser compartilhado

missão", argumenta emocionada.

Durante a graduação em Psicologia na PUCRS, Silvia trabalhou num hospital psiquiátrico. "Aprendi muito durante esse tempo. A capacidade que o cérebro humano tem de produzir alucinações, delírios me fascinou. Cada pessoa que chegava era uma descoberta." Além do hospital, também trabalhava em uma biblioteca. "Sempre fui apaixonada por livros e ali aprendi sobre pesquisa", lembra. Anos mais tarde, Silvia passou a coordenar a Biblioteca Virtual de Psicologia, que disponibiliza on-line a produção brasileira da área.

Amante das revistas científicas, a professora destaca a importância do país no cenário científico internacional. Fã incondicional do Brasil, que considera "o melhor lugar do mundo!", é editora do Interamerican Journal of Psychology há oito anos e leva não só o nome, mas a "imagem real do próprio país" em conferências no exterior. "Ano passado 'só' fiz 16 viagens internacionais e em muitas delas eu era a única latino-americana no grupo de trabalho. É muita responsabilidade", sublinha. Silvia é consultora do Banco Mundial e da World Childhood Foundation, entre outras agências, e já ministrou aulas no Chile, na Colômbia,

nos Estados Unidos, em Portugal e na Suíça. Como professora honorária de duas universidades peruanas, ela destaca o peso da psicologia brasileira na América Latina. "Recebo estudantes latino-americanos, colombianos e peruanos, para orientar nas dissertações e teses. Esse intercâmbio é ótimo", finaliza. Recebeu neste ano dois prêmios internacionais importantes da Association for Psychological Science e da Society for Research in Adolescence.

Netos intelectuais – Silvia diz que seu coração de professora e mãe é um só – ou melhor, de madrastra. Como muitos desses estudantes vêm de fora do estado e do país, ela e o marido abrem as portas de sua residência para recebê-los. "Nossa casa costuma estar cheia. Nós os adotamos como filhos. Nos finais de semana, eles vão para lá e cozinham para todos", conta animada. No entanto, salienta que sempre foi muito exigente academicamente: "Por isso, meu marido é o paizão, e eu sou a madrastra. Sempre exijo que publiquem o que encontraram. Não seremos nós a abusar dessas pessoas com nossos questionários, sem contar ao mundo o que aprendemos", afirma.

Apesar da rotina intensa de trabalho, mantém um sonho antigo: escrever livros infantis. E defende que elaborar um artigo científico é como narrar um conto, pois "tens de contar a história da tua pesquisa". No entanto, aproximar-se da linguagem das crianças exige genialidade. Mas Silvia não desiste: "Talvez eu consiga alcançar este sonho quando tiver netos biológicos, porque netos intelectuais eu já tenho muitos", brinca.

Maria Elisa Lisbôa, estudante do 8.º semestre de Jornalismo da Fabico

ENSAIO

As fotos desta página, feitas nos anos 80 pelo fotógrafo Ilton Saffer, flagram o auge de um movimento que ficou conhecido como Música Popular Gaúcha. Um pouco contraponto ao nativismo que brilhava nos festivais pelo interior do estado, um pouco referência de música urbana e um pouco ocupação de um vazio ainda não tomado pelo rock, viu surgir nomes como Nei Lisboa, Nelson Coelho de Castro, Bebeto Alves, Geraldo Flach e Renato Borghetti (foto ao lado). Além da importância pelo que guardam de memória, as imagens são traços de um passado da própria fotografia. Fotos feitas com filmes "slide", que Ilton revelava em casa em processos de laboratório complicados. Manipulações, que hoje parecem inocentes, são registro de uma época e de um processo técnico já deixados no passado de nossas vidas.



Música em foto

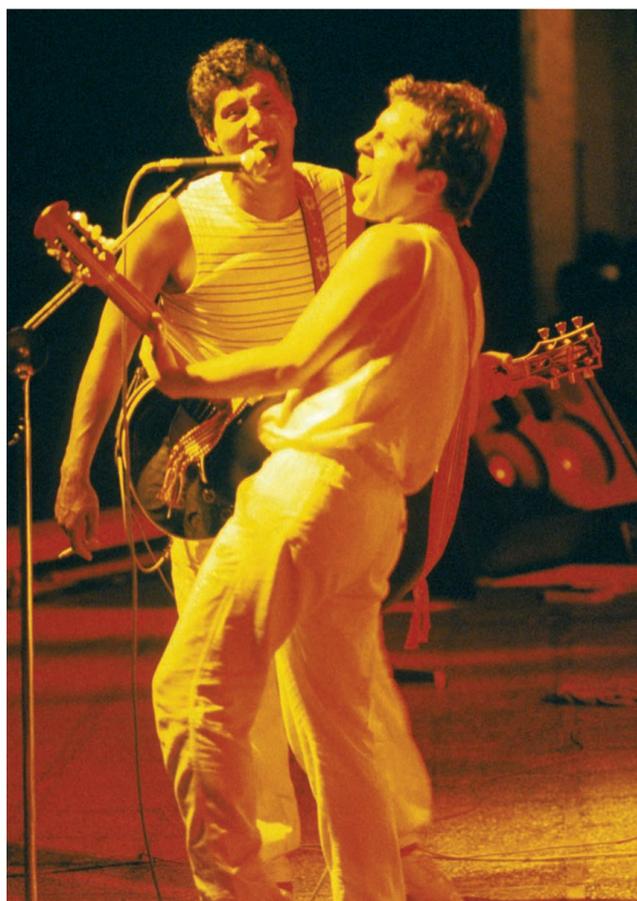
FOTOS ILTON SAFFER / TEXTO FLÁVIO DUTRA



Léo Ferlauto



Geraldo Flach



Bebeto Alves e Nei Lisboa

ILTON SAFFER É FOTÓGRAFO E SERVIDOR DA SUPERINTENDÊNCIA DE INFRAESTRUTURA DA UFRGS. ATUALMENTE, TRABALHA NO REGISTRO FOTOGRÁFICO DAS OBRAS DE RECUPERAÇÃO DOS PRÉDIOS E ESPAÇOS DA UNIVERSIDADE.



Nelson Coelho de Castro